



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS CURSO DE
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

GUTTYNAIDE FIRMINO NUNES

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE BULLYING
NA ESCOLA MANOEL ALVES CAMPOS NO MUNICÍPIO DO
CONGO-PB.**

**SUMÉ - PB
2018**

GUTTYNAIDE FIRMINO NUNES

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
BULLYING NA ESCOLA MANOEL ALVES CAMPOS NO MUNICÍPIO
DO CONGO-PB.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Ma. Jéssica da Silva
Vieira

N972v Nunes, Guttynaide Firmino.
Violência simbólica: um estudo de caso sobre bullying na Escola Manoel Alves Campos no Município do Congo - PB . / Guttynaide Firmino Nunes. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

55 f.

Orientadora: Professora Ma. Jéssica da Silva Vieira.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Buyling . 2. Violência simbólica. 3. Trajetória escolar. I. Título.

CDU: 37(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista

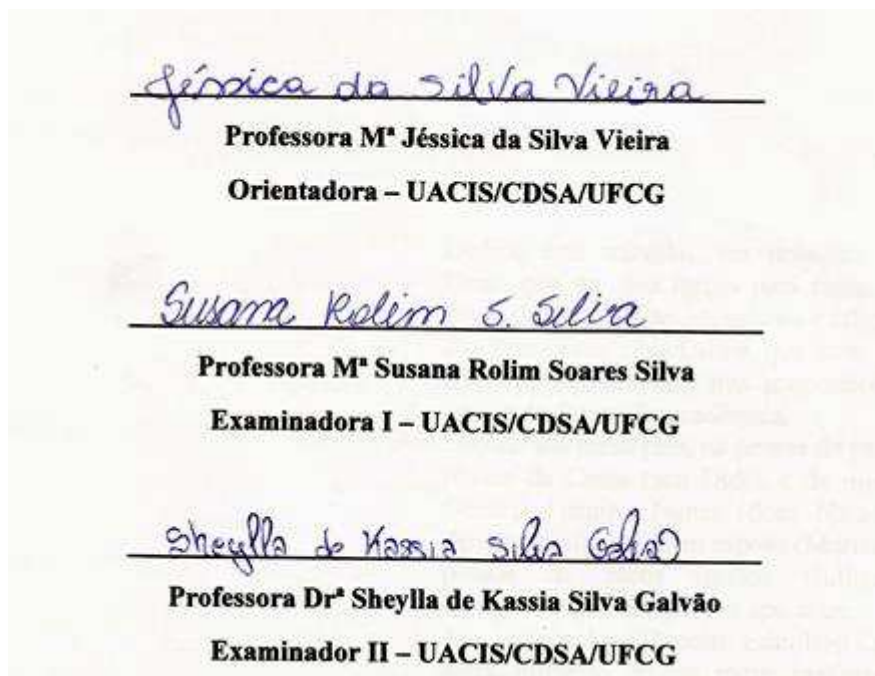
CRB-15/626

GUTTYNAIDE FIRMINO NUNES

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE BULLYING
NA ESCOLA MANOEL ALVES CAMPOS NO MUNICÍPIO DO
CONGO-PB.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCADA EXAMINADORA:



Trabalho aprovado em 19 de dezembro de 2018.

SUMÉ – PB

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Criador dos Céus e da Terra, por ter me dado força para superar as dificuldades, por nunca ter desviado os seus olhos de compaixão de mim. E a minha Mãe e intercessora nos céus, Nossa Senhora das Graças – a quem devotei todas as minhas conquistas almeçadas e que sempre me olhou com olhos de amor.

A esta unidade universitária de ensino superior, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), bem como todo o corpo docente, direção, administração e funcionários, que nos oportunizaram o vislumbre deste impoluto momento acadêmico.

A minha orientadora Prof^ª. Ma. Jéssica da Silva Vieira, pelo suporte que no pouco tempo que lhe coube, pela excelência em seus serviços prestados, no tocante aos atendimentos corretivos e incentivadores, de suas orientações nos nossos estudos.

Aos professores membros da banca examinadora, que aceitaram o convite de participar conosco deste momento, significante.

Aos meus familiares, em especial, meus pais, pelo amor, incentivo, dedicação e apoio incondicional, que me foi dispensado. A pessoa do meu pai seu Manuel Nunes da Costa seu (Didi) um agricultor calejado pelo trabalho que muitas vezes era escravo da mão de obra barata chegando a trabalhar duramente uma semana na roça para ganhar a quantia de apenas dez reais para poder nos alimentar. Ao observar essa situação certo dia perguntei: “pai o que fazer para mudar isso? E a resposta foi: “minha filha estude para vencer na vida! assim como eu não pude vencer, não tive a oportunidade de estudar... me parte o coração não poder dar o que você e seus irmãos necessitam, e a única coisa que este velho pode lhe dar é o seu estudo”. Meu pai o senhor a todo momento foi o meu maior incentivo. Sempre me mostrou que eu poderia vencer e poderia chegar onde eu quisesse através do estudo. Pois segundo a suas palavras “sem o estudo não seríamos nada e nem iríamos a lugar algum”, e que “a única coisa que poderia me dar era o estudo, o aprendizado, e a educação, pois ele estaria comigo por toda a minha vida e ninguém jamais iria tirá-lo de mim.” Obrigada pai por me conduzir ao tesouro da sabedoria (educação), e hoje não tenho dúvidas que o senhor possuía toda razão. Mais uma vez obrigada.

A pessoa de minha amada mãe, Genária Firmino Nunes (dona Nara), que foi, e sempre será uma heroína, também uma agricultora que traz em seus ombros a responsabilidade e a tarefa árdua de ser mãe, amiga e defensora, tarefa essa, que a fez desistir de todos os seus sonhos para ser mãe! Nos proteger e nos guiar por caminhos seguros sempre nos educando e que com toda a paciência do mundo nos momentos de aflição e que eu pensava em desistir ela sempre

me falava “calma minha filha, “confie em Deus”, “eu vou estar rezando por você”, “vai dar tudo certo”. E realmente deu. Minha amada mãe obrigada por tudo.

Não poderei esquecer do meu irmão Guthyrrerres, um ser incrivelmente inteligente e prestativo. Que também foi um dos meus maiores incentivos por me fazer ciente que a nossa realidade só poderia ser mudada pelo estudo. Recordo-me muito bem em um dia de domingo após a Santa Missa nos abraçamos demoradamente entre lágrimas passávamos por momentos de dificuldade: nos faltava a comida em nossa casa, e também não tínhamos condições financeiras para ajudar o nosso pai. Eu, ele e meu outro irmão éramos sempre discriminados, rejeitados, excluídos por sermos diferentes, por não termos roupas novas, sermos negros e pobres. Como sofremos! Quando inúmeras vezes tentei passar no vestibular e não conseguia você me incentivava bravamente para que eu não desistisse e tentasse outra vez. E sempre me dizia “só podemos nos ajudar e ajudar nossos pais se estudarmos, estude, estude e estude!” Obrigada meu irmão hoje eu não tenho palavras para lhe agradecer por todo incentivo. Você também tinha razão, obrigada! Também agradecer a meu irmão Guttyelson que quantas vezes me dizia: “Calma Nayde, a universidade é algo imprevisível. Não fique apreensiva, hoje pode acontecer todo o planejado, mas ele também pode não acontecer também”. E como ele tinha razão! Obrigada por todas as vezes que achava que não ia conseguir e “você sempre me dizia você consegue” obrigada por acreditar em mim, mais uma vez meu muito obrigada pelas inúmeras ajudas e explicações para realização dos trabalhos e seminários.

Gostaria também de agradecer aos meus amados amigos Alan Bacelar, Edmilson Cardoso e Rosa Maria Pinheiro por tornar o período árduo da universidade um fardo mais leve, cheio de companheirismo, cumplicidade e amor. Vocês são a prova viva que ainda existem amigos de verdade com quem podemos contar realmente em todas as horas seja na hora de aflição seja na hora da calma. Sem esquecer do amigo Vando de Alcideni por tantas vezes me levar na UFCG, quando eu mais precisava.

E por último, gostaria de agradecer ao meu amado esposo Marivaldo Alcântara, por toda paciência e palavras de positivismo em todas as vezes em que eu não acreditei que poderia conseguir. Obrigada por todas as vezes que o mundo parecia desabar e você estava comigo e ajudava-me a carregá-lo tornando as coisas mais leves e simples. Por todas as vezes que você estudava os assuntos para poder me explicar para eu fazer uma boa prova ou realizar um bom seminário. Obrigada por me fazer acreditar que eu poderia chegar até aqui, Obrigada amado por tudo, você também faz parte deste momento de vitória. Obrigada a todos que fizeram parte da minha formação, ou que estiveram comigo. O meu muito obrigado. E que Deus os abençoe.

“Cuidado com os olhares de quem não sabe te amar, eles costumam fazer você esquecer que você vale a pena.”

Padre Fábio de Melo

RESUMO

Diante da diversidade existente na sociedade brasileira e do aumento dos casos de violência, seja verbal ou física, em especial na escola, tornou-se necessário aprofundar-se sobre o Fenômeno do *Bullying* visto que, é uma temática que precisa de “atenção especial” pois o mesmo tem se propagado de maneira rápida e muitas vezes silenciosas. A violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada com a interiorização da cultura dominante reproduzindo este ato como algo natural e inevitável. É sabido que o *bullying* provoca efeitos nocivos sobre a vida social e escolar do aluno, bem como o mesmo reflete no processo de ensino-aprendizagem do mesmo. Deste modo o presente estudo busca compreender como o *bullying* é capaz de afetar os indivíduos, analisando seus reflexos e efeitos na trajetória escolar e social dos alunos. Com isso, o presente estudo foi desenvolvido a partir de um estudo amostral analisado com caminhos metodológicos que atendem ao caráter estudo de caso, e de pesquisa qualitativa que analisou as experiências sociais de cunho educativo, a partir das respostas obtidas em questionários aplicados em sala de aula. A pesquisa de campo, usou do instrumento de coleta de dados com questões abertas e fechadas para detectar as formas de violências na escola e como elas influem na vida dos alunos. Com base nos resultados pôde-se detectar que é de extrema necessidade provocar uma intensa reflexão do assunto para que se possa promover além de uma maior compreensão do mesmo, se possa haver um maior combate do fenômeno *bullying* na sociedade e especialmente no âmbito escolar para que seus efeitos nocivos não acabem por destruir ou devastar a integridade, a trajetória escolar, o convívio social e a vida das vítimas desta violência silenciosa que hora parece ser inofensiva ou apenas uma brincadeira, mas que na realidade, o indivíduo que a sofre em silêncio a qualquer momento pode exalar sinais de esgotamento e reagir trazendo graves consequências e quadros que podem chegar até a se tornar irreversíveis na vida de quem é afetado pelo bullying.

Palavras – Chave: Bullying. Violência Simbólica. Trajetória escolar. Cariri Paraibano.

ABSTRACT

With the diversity that exists in Brazilian society and the increase in cases of violence - whether it is verbal or physical - especially at school, it became necessary to go deeper into the Bullying Phenomenon since it is a topic that needs "special attention" because it has spread quickly and often silently. Symbolic violence is expressed in the legitimized and disguised imposition with the interiorization of the dominant culture reproducing this act as something natural and inevitable. It is known that bullying causes harmful effects on the social and school life of the student, as well as it reflects in the teaching-learning process. In this way, this work aims to understand how bullying is capable of affecting individuals, analyzing their reflexes and effects on the students' school and social trajectory. This paper was developed from a sample study analyzed with methodological paths that attend to the character of a case study and qualitative research, which analyzed the social experiences of an educational nature, based on the answers obtained by questionnaires applied in a classroom. The field research has used, as data collection tool, open and closed questions to detect forms of violence at school and how they influence students' lives. Based on the results, it was possible to detect that it is extremely necessary to reflect intensively on the Bullying topic, so that it can be promoted a greater understanding of the subject, and a greater combat of this phenomenon in society, especially in the school environment, so that its harmful effects do not end up destroying or devastating the student's integrity, school trajectory, and social life. The Bullying - this silent violence - seems to be harmless or just a joke, but that in reality, the individual who suffers from it in silence any time can show signs of exhaustion and react bringing serious consequences that may even become irreversible of those affected by it.

Keywords: Bullying. Symbolic Violence. School trajectory. Cariri Paraibano.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Participação de entrevistados por sala de aula na Escola Estadual Manoel Alves Campo – Congo/PB	27
Gráfico 2 - Perfil dos alunos por sexo	28
Gráfico 3- Atividades dos pais dos alunos da Escola Manoel Alves Campo - Congo/PB.....	29
Gráfico 4- Conhecimento dos alunos sobre o bullying	30
Gráfico 5 - O que você entende por bullying?	30
Gráfico 6 - Na escola que você estuda, você já vivenciou algum tipo de bullying?	33
Gráfico 7 - Quais os tipos de violência mais rotineiras na escola?	33
Gráfico 8 - Você sofre ou já sofreu violência dentro da escola?.....	34
Gráfico 9 Questão relacionada ao Gráfico 8: Se a resposta for Sim, por quem você foi agredido?	35
Gráfico 10 - Sondagem se os alunos conhecem alguém que já tenha sofrido o bullying	36
Gráfico 11 - Vítimas da prática do bullying	40
Gráfico 12- Causas do bullying no desempenho escolar.....	41
Gráfico 13 - Possíveis Propostas de Solução, Enfrentamento e Combate à Violência na Escola	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- A visão dos alunos de como o bullying ocorre	37
Quadro 2 - Sequelas do Bullying na memória escolar dos indivíduos sociais	42
Quadro 3 - Sentimentos provocados pelo bullying	43

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	17
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEXTUAIS SOBRE O BULLYING E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.	17
2.2 DEFININDO O ASPECTO CONTEXTUAL DO BULLYING ESCOLAR	21
2.2.1 Os efeitos do <i>bullying</i> na trajetória escolar	22
3 ANÁLISES E DISCUSSÕES	27
3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	28
3.2 GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE O BULLYING NA ESCOLA RECURSO DE ENFRENTAMENTO AOS DESAFIOS EVIDENCIADAS CONTRA	29
3.3 RECURSO DE ENFRENTAMENTO AOS DESAFIOS EVIDENCIADAS CONTRA O BULLYING ESCOLAR.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	50

1 INTRODUÇÃO

Dentre as inúmeras dificuldades enfrentadas no sistema escolar pode-se destacar a violência no cotidiano e o crescimento do fenômeno do *bullying* que nas últimas décadas vem se tornando um tema de importante relevância e abrindo oportunidades de debates no âmbito escolar, visto que, a violência e o bullying provocam graves danos a vida do indivíduo que sofre, como também ao espaço escolar e familiar.

Freire e Aires (2012), relatam que esse tipo de violência, conhecida como bullying, não é um assunto que surgiu na contemporaneidade, e sim, em meados dos anos 1980, quando o tema ganhou nome específico por meio do pesquisador norueguês Dan Olweus detectando que a prática do mesmo se tratavam de atos agressivos, antissociais e repetitivos que ocorriam no meio escolar entre os estudantes.

Para tanto, um dos pressupostos motivadores, que levaram ao aprofundamento sobre esta questão, partiram de observações e experiências vivenciadas pela autora deste estudo, que tanto presenciou tais práticas do bullying em pessoas próximas, quanto as sofreu diversas vezes sendo vítima dessa violência; (da leitura do livro de Lélío Braga (CALHAU, 2010) que em outrora nos fora dado de presente¹); e também para analisar a influência desse tipo de violência (bullying) na vida dos alunos pode vir à afeta-los.

Tendo em vista que, há uma diversidade cultural, que muitas das vezes, os alunos não compreendem suas causas, e que por muito é naturalizada, a então, falta de respeito para com o próximo. Tais situações, geram, assim, a dita violência simbólica e o *bullying* que, acabam por gerar até transtornos psicológicos na vida social das pessoas, e que de modo particular, refletem na vida escolar do indivíduo, bem como, na vida social dos sujeitos que sofrem o bullying. Como bem ressalta Jorge e Campos (2010), o bullying provoca efeitos nocivos sobre a vida social e escolar do aluno, bem como, reflete no processo de ensino- aprendizagem do mesmo.

O estudo em questão se justifica pela necessidade de analisar os efeitos provocados com os discentes em sala de aula, através de atos desenvolvidos pela prática do bullying, levando em conta o cenário educacional e a situação de violência, a qual está marcado e evidenciado no nosso país, (por possuir um povo miscigenado advindo do processo de colonização que tem vivenciado o Brasil, e por termos um povo ‘marcado, excluído, hostilizado’, e muitas vezes martirizado, pelo fato “*do ser diferente*”) diante da diversidade que habita a sociedade brasileira, bem como aprofundar-se ao tema a partir de outros estudos

e perspectivas de estudiosos. Sendo de extrema necessidade a reflexão do assunto para que se possa haver um maior combate do fenômeno bullying na sociedade e especialmente no âmbito escolar.

Para tanto, levou-se também em consideração algumas situações já vivenciadas pela autora deste estudo, observadas desde o início da vida escolar até a academia.

Observa-se que no campo escolar existem inúmeros e variados tipos de violências, que muitas vezes são tidas como algo comum e tratadas muitas vezes como irrelevantes, mas que, se observada essas práticas, elas podem ser traduzidas como o próprio bullying, violência física, psicológica, e a violência simbólica que para Bourdieu (1997), “é uma prática de coagir as pessoas, causando uma imposição determinada, seja esta econômica, social, cultural, institucional ou simbólica.”

As violências sofridas no cotidiano escolar pelos alunos podem refletir de maneiras negativas, haja visto que, com a repetitividade do ato pode se agravar e refletir gravemente na vida e na trajetória estudantil destes indivíduos que sofrem determinadas violências. Violências essas, que, muitas vezes, são tidas como brincadeiras “inocentes”, utilizando o chamado: “*foi sem querer*”, e que muitas vezes são naturalizadas, passando por despercebidas tanto pelos docentes como pelos discentes, mas que, podem gerar profundos traumas e acarretar serias dificuldades de desenvolvimento psicológico e social do aluno, (que sofre com o bullying), bem como o desempenho individual no âmbito escolar.

No entanto, uma questão nos impulsiona, como o bullying praticado na escola pode afetar no cotidiano escolar e social do aluno, além de suas relações com outros indivíduos em sociedade e com ele mesmo. Como destaca Calhau (2010), o bullying traz consequências gravíssimas para todos os autores envolvidos em especial para as vítimas.

A prática do bullying no meio escolar, além de violar o ordenamento jurídico brasileiro, amparado no artigo 5º da Constituição Federal de 1988, prejudica o desempenho do aluno na sala de aula, dispensando as pessoas e dividindo-as, já que as práticas são observadas de diversas óticas. (CALHAU, 2010).

Contudo, esse trabalho teve como objetivo compreender quais as consequências que o bullying praticado na escola pode causar na trajetória do aluno, e caracterizando as formas de violências na escola e como elas influem na vida dos alunos; analisar os aspectos gerais evidenciando os efeitos e impactos do bullying na trajetória acadêmica dos alunos; e identificar a visão da comunidade escolar em relação ao bullying.

Em relação a metodologia adotada para este estudo, foi enfatizada uma abordagem qualitativa e descritiva, através de questionários aplicados com alunos da Escola Manoel

Alves Campos no município do Congo-PB, no Cariri Paraibano, sendo aplicados com 84 alunos do Ensino Médio deste educandário.

Na pesquisa foi adotado o estudo de caso, um método que visa compreender fenômenos sociais complexos, preservando as características holísticas e significativas dos eventos da vida real, objetivando descrever os fatos ou situações, proporcionando conhecimento acerca do fenômeno estudado.

Para tanto foram aplicados de questionários em um grupo 84 alunos do primeiro ao terceiro ano do ensino médio da Escola Manoel Alves Campos, município do Congo- PB. Tendo em vista a complexidade do fenômeno pesquisado, se fez necessário adotar, também um método de pesquisa quali-quantitativa para entender melhor o caso a ser estudo e mensurar numericamente os dados fenômeno estudado, ou seja, traduzir em números e analisar as opiniões e informações dos alunos.

De acordo com Minayo *et al.*, (2008, p.21), os aspectos da pesquisa possuem um nível de realidade que não pode, tão somente, ser quantificado; mas qualificados, por se tratar de um fenômenos que envolve a educação de indivíduos humanos e a realidade cotidiana escolar, que por si só, pelos números, somente, não se explicam, em detrimento de uma intencionalidade.

Segundo Figueiredo (2011), o estudo compreende aspectos peculiares de uma pesquisa de campo, no qual se faz uso do instrumento de coleta de dados, através da aplicação de questionários, com questões abertas e fechadas. De acordo com Franco (2007, p.59-60), o conteúdo das perguntas, e a natureza das respostas dos discentes tem exigido grande esforço e sensíveis intuições, para que se pudessem dar vida ao trabalho. E que, na ótica de Gil (2008, p.122), estes são meios que viabilizam a tabulação, balanço e análise dos dados coletados em campo.

O texto escrito ao final seguirá três seções, onde o primeiro se propõe caracterizar as formas de violências simbólicas e o fenômeno do Bullying na escola e como elas influenciam na vida dos alunos, a luz de teóricos, nesta seção, são apresentadas e postas em discussão conceitos de alguns teóricos, utilizado a partir da temática do objeto, de modo a dialogar com os mesmos e estender o debate, enfatizando sobre os diversificados tipos de violência simbólica, a qual sofrem os alunos nas escolas. Na segunda seção, buscaremos dialogar sobre o bullying e seus efeitos na trajetória escolar, enfatizando que o fenômeno do bullying é um ato de perversidade que não deve ser considerado como brincadeira, mas, como algo extremamente sério e preocupante devendo ser combatido não só pela escola mais também pela família e a sociedade em geral.

Na terceira e última seção, buscaremos descrever o perfil dos alunos entrevistados

ênfatizando o conhecimento sobre o tema, as diversas práticas de bullying assim como consequências sofridas a partir de tal ato.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONTEXTUAIS SOBRE O BULLYING E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.

A violência, segundo Abramovay e Rua (p.92), é um fenômeno que tem preocupado a sociedade pelos transtornos causados no âmbito escolar, contribuindo para as rupturas dos ideais ensinados na escola, sendo este um lugar de formação do ser e da própria educação do indivíduo, com o exercício da ética e da comunicação por diálogo.

Mattos e Coelho (2007) resumem que a violência na escola deixa de ser vista como um problema gerado pelos alunos, mas também coloca em jogo a capacidade da própria escola criar mecanismos para resolverem os conflitos de violência institucional e simbólica, que por muitas vezes acabem gerando o fenômeno do Bullying na escola por diversos fatores.

Já Bourdieu (1997), ao comentar também sobre a violência (simbólica), especifica que a mesma é algo que provem do meio social de modo sutil sem imposição física que pode chegar a causar prejuízos psíquicos e também moral, pois os indivíduos que sofrem a violência simbólica acabam de forma quase que natural seguindo, consentindo ou se submetendo a tais leis ou situações de padrões sociais criados pela classe dominante ou pelo “ser dominante” para que os indivíduos estejam no mesmo patamar, caso contrário se o sujeito vir a fugir desse padrão estipulado ou criado pode acarretar no mesmo fortes sentimentos de exclusão e impotência, prejudicando assim a sua relação social e psicológica com os demais do seu meio social e escolar.

Para melhor expressar, o *bullying* é como uma máscara que encobre as multifaces de violência social. A palavra *bully* é derivado de um verbo de origem inglesa, que quer dizer “usar” a superioridade física para intimidar alguém (TORO, *et al*, 2010).

De acordo com Toro *et al* (2010), o bullying pode ser entendido como ações agressivas, físicas, ou verbais, intencionais e repetidas, que acontecem no ambiente escolar entre os alunos sem motivos específicos, onde um sujeito ou mais provocam o sentimento de angústia e a dor do próximo. Fazendo com que surjam quadros psicossomáticos resultando em muitos outros tipos de doenças que afligem as vítimas, que vão de casos mais delicados até mais graves, e que podem levar até mesmo ao suicídio das vítimas; ou ainda, a ataques contra os opressores, praticados pelos oprimidos, vitimados pelo bullying violentamente, chegando a causar lesões físicas, ou até mesmo homicídio (Calhau, 2010).

O bullying traz consequências gravíssimas para todos os autores envolvidos, em especial para a vítima, que é acometida de inúmeros quadros clínicos a exemplo do estresse, diminuição da resistência imunológica, doenças psicossomáticas diversas, de nível agudo ou grave, que podem ir do suicídio das vítimas, até ataques violento praticado (lesões físicas ou homicídio) com o propósito de que o bullying possa ser estancado (CALHAU, 2010, p. 36).

É fundamental compreender o conceito de Violência Simbólica e do Bullying que acontece na escola, a partir da identificação dos tipos de violência na contemporaneidade praticada no meio escolar que muitas vezes passam despercebidos no cotidiano, ficando no anonimato. É importante nos questionarmos quais as características e as formas de violências existentes no âmbito escolar e como elas influem na vida dos alunos. Como expressa Abramovay e Rua (2002), que as violências sofridas no meio escolar estabelece no aluno sérias consequências particulares ao exemplo de danos físicos, traumas e sentimento de medo e insegurança que tendem a prejudicar o desenvolvimento pessoal do sujeito.

Já Ballone (2005) afirma que as vítimas demonstram indícios de medo e receio de ir à escola resultando na troca constante de escola, e nos piores casos abandonem os estudos, e cheguem até a desencadear problemas psíquicos e depressão podendo agravar-se a ponto do sujeito atentar sobre a própria vida.

Tendo em vista o aumento de ocorrências comportamentais no meio social e escolar de jovens e adolescentes, haja vista, ao enfrentamento dos altos índices crescentes e preocupantes no convívio escolar, com o surgimento evidenciado de casos de violência nas escolas não só no Brasil, mas em outros países, a exemplo da Noruega, com casos detectados na década de 1970, estudos foram desenvolvidos pelo professor e psicólogo sueco, Dan Olweus trazendo relatos de casos detectados, muitos deles, “fazendo uma ligação ao suicídio, um tipo de violência bastante preocupante atualmente na sociedade, trazendo a problemática a ser estudada, inclusive, no Brasil” (CALHAU, 2010).

Vale destacar que no Brasil, as precursoras em pesquisas sobre o fenômeno do bullying foram Cleo Fant e Margarida Barreto, que se dedicaram à temática do “Bullying”, a primeira focando no âmbito escolar e a segunda no ambiente de trabalho, observando o assédio moral.

Chalita (2008) corrobora com Calhau (2010) dizendo que as questões relacionadas a problemática em questão tem incentivado vários debates e pesquisas, fazendo reflexões com profissionais da área de educação de diversas partes do mundo a exemplo do próprio Dan Olweus. Para Chalita (2008) esse problema atinge diretamente a escola, já que, ela é uma instituição que estar habilitada a oferecer condições de socializações dos autores sociais, iniciado na família com extensão ao meio escolar.

Contudo, o fenômeno do Bullying pode ser percebido de maneira diferente verbalmente, fisicamente, psicologicamente e sexualmente. Vários estudos são importantes, basicamente, para se tomar ciência e também diferenciar a existência de algumas das formas de violência encontradas na sociedade e conseqüentemente no ambiente escolar podendo destacar a violência psicológica que afeta o psicológico, a violência física que é a que pode matar e que consistem em ferimentos, golpes, roubos, crimes, vandalismos, drogas, tráfico e violências sexual, ou seja, é todo ato que causa danos físicos, e a violência simbólica ou institucional que se mostra nas relações de poder, na violência verbal entre professores e alunos, nas discriminações indiretas de gênero, de raça, na discriminação de trabalho, na adoção de políticas de estado que são legitimadoras de exclusão, na imposição pela mídia sobre os padrões culturais e de beleza entre outros fatores.

Deste modo, Bourdieu (1997) considera como violência simbólica:

Toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural (BOURDIEU 1997, p. 204).

Pode-se nitidamente compreender que na visão de Bourdieu (1997), a violência simbólica acontece através de um certo poder que não se nomeia que, dissimula as relações de força que se assume como conivente e autoritária. O conceito de violência simbólica foi criado por Bourdieu (1997), para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados. Ou seja, é uma violência que acontece sem coação física e que nasce da relação da ideia do poderio entre os sujeitos.

Partindo do pressuposto que a cultura ou o sistema simbólico é arbitrário uma vez que o mesmo que não se assenta numa realidade dada como natural. O sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade através de uma interiorização da cultura por todos os membros da qual a forma.

A violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada com a interiorização da cultura dominante reproduzindo, por exemplo, as relações do mundo do trabalho onde o dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como oprimido ou vítima desse processo, ao contrário, o oprimido considera a situação a qual é cometido como algo natural e inevitável.

Segundo a teoria Bourdieu (1997) Toda ação pedagógica é, objetivamente, uma violência simbólica. (RODRIGUES, 2007, pág. 73). Assim em sua prática pedagógica ele

afirma que essa ação pedagógica repassada aos alunos pelos professores desde cedo por meio de um sistema educacional instituído pelo Estado, faz com que o indivíduo absorva o conhecimento imposto pela classe dominante, portanto, ele não tem outro meio a não ser inserir-se as regras estatais. A partir daí, o indivíduo passa a encarar o *habitus* cultural imposto como algo natural, normal e aceitável.

Com a naturalização dos programas de TVs voltados para a violência faz com que se desenvolva uma ideia de que o perigo e a vulnerabilidade que leva as categorias mais desfavorecidas a aceitarem a exploração e a repressão crescente e até deseja-las.

Ao tocar no termo violência simbólica e suas implicações na educação tem-se a sensação de que é um processo irreversível e de que nada se pode fazer em relação a isso, porém o fato de saber que os indivíduos são agentes e vítimas desse tipo de violência deve ser o primeiro passo para começar o combate.

Deste modo, o conteúdo ministrado em sala de aula o professor deve repassá-lo de forma democrática e flexível trabalhando sempre com distintas realidades aproximando-os com dia a dia de cada aluno, para que não haja a imposição da doutrina do professor aos alunos, para que assim não se cometa o ato de violência simbólica.

Para corroborar com a metodologia aplicada em sala de aula com intuito de flexibilizar as realidades dos alunos e evitar supostos transtornos, o artigo 3º da Lei de Diretrizes de Bases (LDB), diz que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII – valorização do profissional da educação escolar;
- VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX – garantia de padrão de qualidade;
- X – valorização da experiência extraescolar;
- XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;
- XII – consideração com a diversidade étnico-racial.

2.2 DEFININDO O ASPECTO CONTEXTUAL DO BULLYING ESCOLAR

Partindo do pressuposto, de que para compreender de forma objetiva as relações entre as práticas da violência e a instituição escolar, é importante entender que a problemática está relacionada pela reconstrução das relações sociais presentes no ambiente escolar.

Essas relações é explicada com mais detalhes por Oliveira e Martins (2007):

A violência que se configura dentro do espaço escolar, manifestada através do comportamento dos alunos, lança professores diante da confusão da possibilidade de um ensino libertador (caso seja esta a sua proposta) e de uma realidade insuportável, na qual os educadores recorrem a expedientes autoritários e até mesmo violentadores, a fim de manter a “ordem geral”. São estabelecidas regras, controles, punições e dominações para disciplinar os alunos em estados de rebeldia (OLIVEIRA E MARTINS, 2007, p. 95).

Ao relatar sobre a violência simbólica e a tantas maneiras a quais os sujeitos são submetidos, é de suma importância trazer à tona o tipo de violência que é praticada há muito tempo no meio social e vem crescendo consideravelmente no ambiente escolar preocupando a sociedade, as instituições escolares e as autoridades do país: o Bullying.

Calhau (2010) diz que não existe tradução exata para a palavra Bullying:

Bullying é um assédio moral, são atos de desprezar, denegrir, violentar, agredir, destruir a estrutura psíquica de outra pessoa sem motivação alguma e de forma repetida. [...] É uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre a violência escolar. [...] O bullying é o "cerco", tal qual o realizado em uma guerra, onde o inimigo vai sendo atacado ultimamente até se render ou morrer (CALHAU, 2010, p.6).

O Bullying, para Silva (2010), é considerado um tipo de violência escolar que ocorre de maneira silenciosa e estimula outros tipos de violência entre jovens e adolescentes.

Calhau (2010), afirma que o bullying acontece no meio social entre pessoas do mesmo padrão financeiro, cultural e social como estudantes, de modo horizontal e de modo vertical, que seria entre indivíduos de padrões diferentes podendo citar como exemplo alunos de diferentes níveis econômicos e sociais bem como professores. O bullying é um ato perverso que acontece de forma silenciosa por toda parte e a todo instante, e que pode ser dividido em quatro pequenos grupos que são compostos por agressores, vítimas, espectadores passivos e as vítimas-agressoras.

Para Fante (2005), o agressor é todo aquele que vitimiza os mais fracos:

O agressor, de ambos os sexos costumam ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os problemas (FANTE, 2005, p. 73).

Ainda sobre o conceito de agressor, o psicólogo Kristensen conclui que os bullies são aqueles que praticam o bullying nas escolas, resultado de comportamentos provenientes ambientes onde, por muitas vezes, há excesso agressividade:

A agressão é mantida por vários fatores. É mantida por conseqüências externas – recompensas materiais, recompensas sociais e status. Ela é também reforçada quando as pessoas aliviam o tratamento primitivo através de recursos defensivos. O desempenho da agressão é afetado pelas recompensas ou punições observadas – reforço substitutivo. Uma das melhores maneiras de reduzir a agressão é através do fortalecimento de outras respostas que tenham valor funcional. Por exemplo, verifica-se que pessoas que recorrem à agressão física para resolver seus conflitos interpessoais geralmente têm baixa habilidade verbal (daí uma ocorrência maior de agressão física na classe social baixa). Se aprenderem a resolver verbalmente este tipo de conflito, o comportamento de agressão decresce. Outra maneira de modificar o comportamento agressivo é através da apresentação de modelos que exibam respostas socialmente aceitas (por exemplo, cooperação) (KRISTENSEN, 2003.p.22).

Após conceituar um dos autores que é o agressor, se faz necessário diagnosticar o perfil do alvo do bullying, ou melhor, o agredido, ou até mesmo conhecido como vítima deste tipo de violência no ambiente escolar. Fante e Pedra (2008), enfatizam em seus estudo sobre o bullying, que a maioria das vítimas são estudantes tidos dentro da sala de aula como “*peculiares, estranhos e diferentes*”, ou muitas das vezes, pessoas que se destacam no meio escolar.

2.2.1 Os efeitos do *bullying* na trajetória escolar

A violência que percorre por gerações e atualmente vem se tornando cada vez mais presente no dia a dia da sociedade acaba por gerar intensas anomalias. E entre essas, podemos evidenciar o fenômeno do bullying.

De acordo com Silva (2006, p. 43) um dos primeiros estudiosos a utilizar o termo bullying foi Dan Olweus o professor e pesquisador da universidade de Bergen, na Noruega, quando o mesmo realizava estudos sobre o suicídio entre adolescentes. Nestes estudos ele investigava como era determinados problemas entre os agressores e suas vítimas no ambiente escolar, sendo a partir daí que iniciou-se o interesse maior das próprias instituições em observar o caso do bullying com mais cautela e minuciosamente.

Dan Olweus relata em seu estudo, como é caracterizado o bullying, iniciando por formas não-físicas de manifestação como ameaças apelidos cruéis, insultos, gozações que magoam profundamente a vítima. Destaca a violência moral, também expressada de forma física, resultando em empurrões, beliscões, tapas, murros, cusparadas, puxões de cabelo, insultos dentre outras ações, sendo observada, que a violência no interior das escolas, principalmente nos ambientes de maior fluxo de pessoas como hora do intervalo e no fim das aulas, notou-se

que tais violências provocavam ou incentivavam a exclusão e a incivilidade de alunos da instituição por conta de terem sido vítimas do bullying.

O fator do bullying tão presente na sociedade pode estar ligado a falta de limites que não são impostos desde cedo pelos pais aos seus filhos de modo que, as crianças quando ainda pequenas não são estruídas a obedecerem a regras, a terem limites e a terem respeito pelo próximo e as suas diferenças, com isso a criança ao ingressar no ambiente social e escolar passa a refletir e a reproduzir essas más ações ou má comportamentos de rebeldia acabando por desrespeitar o próximo, ferir o diferente e quebrar as regras que lhes são estabelecidas bem como Silva (2015) ressalta que:

[...]As conseqüências desse exageros podem ser vistas nos dias atuais ao observarmos que uma grande parcela de pais age de forma excessivamente tolerante com seus filhos. São os pais do "Deixa para lá", ou que costumam passar a mão na cabeça de seus rebentos diante de comportamentos francamente transgressores. Tais pais costumam fingir que nada ocorreu, adotam uma postura de falso entendimento ou, pior que isso, censuram os filhos de maneira tão débil que suas reprimendas e orientações educacionais são praticamente ignoradas. [...]Por essa razão, passam a ser permissivos em excesso e as crianças "pintam e bordam"[...] O resultado dessa matemática é que, desde muito cedo, as crianças se habituam a fazer tudo o que querem e impõe-se de autoritária e tirana perante pais[...] (SILVA, 2015, p. 61/62).

O bullying é um problema grave que a sociedade e principalmente as instituições de ensino vem a todo instante tentando driblá-lo ou pelo ao menos controlá-lo, pois este fenômeno inúmeras vezes ocorre de forma sutil e de forma despercebida mas que tem efeitos terríveis na vida daqueles que por ele é atingido.

O bullying que acontece nas escolas acontecem entre crianças, adultos e adolescentes e segundo Calhau (2010, p.08) o bullying pode acontecer verticalmente de cima para baixo e entre pessoas do mesmo patamar. Em outras palavras o bullying acontece de professores para alunos (quando acontece a violência simbólica), de alunos para professores e entre os próprios alunos de forma horizontal.

Além disso, o bullying acontecesse de forma direta e indireta e se expressa de várias maneiras seja ela verbalmente, fisicamente e material, psicológico e moral, sexual e virtual. Entre os que praticam o bullying e os que sofrem a violência podemos destacar as categorias e os protagonistas que formam o cenário do bullying: as vítimas que são geralmente aqueles que trazem em si pouca facilidade de se relacionar com os demais indivíduos incapaz de revidar qualquer ofensa sendo aquela pessoa tímida; os espectadores que são aqueles que só observam a violência sofrida pelo outro e não tomam nenhuma atitude. Os espectadores ativos que são aqueles que não se envolvem em meio a situação, mas que tramam o atentado e se diverte ao ver o sofrimento do próximo, os espectadores passivos são os sujeitos que carregam em si o

medo de serem as próximas vítimas do atentado, simplesmente não concordam, mas e calam-se por terem os seus psicológicos consideravelmente frágeis; os espectadores neutros esses não demonstram sensibilidade com o fato presenciado pelo ato da violência em seu cotidiano ter se tornado algo normal, ou seja são os omissos, agressores que são identificados como maldosos e cruéis que usam da popularidade, força física e porte físico para aterrorizar as vítimas.

Calhau (2010) fala que os agressoras geralmente já são pessoas vitimadas da própria prática do bullying e são as que elas acabam refletindo essa violência sofrida e revidando tal violência, ocasionando o famoso “Se eu sofri você sofrerá também”, e por fim, temos as vítimas provocadoras que são aquelas que proferem xingamentos e discutem quando são atacadas, provocando tumultos, possíveis brigas e discursões sendo marcadas pela imperatividade e impulsividade.

Geralmente os mais afetados em casos de bullying são aqueles sujeitos mais tímidos, aqueles que são rotulados de “gordo(a)” ou “magro (a)”, os indivíduos de porte físico mais frágil, os que possuem baixa estatura física, os que possuem uma maior pigmentação na pele (negros), os de cabelos crespos, os que moram em áreas menos favorecidas na cidade, os que pertencem a classe de baixa renda, os indivíduos que são taxados de Nerd por serem estudiosos, e também os religiosos, ou seja os que mais sofrem com o ato do bullying é todo aquele que não se enquadra no “padrão” imposto pela sociedade e reforçado pela mídia social, onde todo aquele que possuir traços diferenciados foge dos padrões sociais exigidos pela sociedade, bem como ressalta Campos e Jorge 2010:

[...] A própria sociedade elege critérios de classificação do que considera normal, de modo que aquele que não posso estar e características sofre preconceito e discriminação como se houvesse uma escala na qual existiriam pessoas inferiores e superiores. Esses critérios variam de acordo com determinada época e cultura a exemplo do padrão de beleza feminino que já elegeu desde mulheres acima do peso até mulheres bastante magras. [...] Desde cedo crianças são classificadas e confinadas em subgrupos nas escolas e nos bairros, segundo aparência, interesses ou comportamentos, mas apesar disso se dá de forma implícita (CAMPOS E JORGE, 2010. p. 112/113).

E Silva (2015), enfatiza que os que mais sofrem o efeito do bullying são os indivíduos trazem em si traços peculiares como:

[...] é tímido ou reservado. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma marca que os destaque da maioria dos alunos: São gordinhos, ou magros demais alto ou baixo demais, apresentam sardas manchas na pele, orelhas ou nariz mais destacados, roupas fora de moda, são de credo e Raça, onde são socioeconômica ou orientação sexual diferente[...] (SILVA 2015, P. 35/36).

Toro *et al.* (2010), afirmam que “o processo de escolarização desempenha papel fundamental no processo de Constituição do indivíduo”. Com isso é preciso que a escola e os pais unam-se em prol desse mal que assola o ambiente escolar, pois muitas vezes os pais

sobrecarrega ou encarrega a escola como única responsável por sanar o problema como se ela fosse a única responsável pela causa, como bem ressalta (Campos e Jorge,2010) dizendo que “os pais recorrem a escola como se fosse a única responsável pela educação de seus filhos entregam a ela, e a seus educadores, a tarefa de formar seus jovens enquanto cidadãos conscientes de direitos e deveres”[...]. É sabido que a escola exerce um papel importantíssimo na vida social e ética do cidadão, mas, se relacionado com a educação do seio familiar para que se obtenha uma ação educativa mais eficaz.

O fenômeno do bullying é um ato de perversidade e não deve ser considerado como brincadeira, ele é algo extremamente sério que pode arruinar a vida de quem por ele é atingido. É imprescindível destacar que os efeitos do bullying geram a exclusão social e a incivilidade na vida de quem sofre a violência, ela tem efeitos terríveis que vão desde problemas psicológicos, anomalias no aprendizado podendo chegar até ao suicídio do indivíduo levando-o a destruição física e psicológica total do mesmo.

A violência que muitas vezes é interpretada pelos pais, professores e a maioria dos indivíduos como uma inocente brincadeira ou como algo simples e até normal acaba por provocar na trajetória das vítimas efeitos e transtornos colaterais gravíssimos que vão desde a evasão escolar até distúrbios psicológicos que são irreversíveis e que afetam desde a trajetória escolar do aluno, o psicológico bem como o comportamento social dos vitimados. Esses traumas podem acompanhar os indivíduos desde a infância passando pela adolescência e pode se perpetuar durante toda a vida do sujeito. Para Calhau (2010) “As consequências do bullying são terríveis para todos os envolvidos, mas, em especial, para as vítimas”. E ele ainda reforça que:

O fenômeno bullying estimula a delinquência lindos outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadão estressados, deprimidos, com baixa autoestima, capacidade de auto aceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de autoafirmação e de auto expressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologias de estresse, doenças psicossomáticas, vem transtornos mentais e de psicopatologias graves. Tem, como agravante, interferência gráfica no processo de aprendizagem e de socialização, que estende suas sequências para o resto da vida podendo chegar a um desfecho trágico. Em situações de ataques mais violentos, contínuos e que causem graves danos emocionais, a vítima pode até cometer suicídio ou praticar atos de extrema violência (CALHAU 2010, p.18)

Silva (2015), afirma que as práticas do bullying na vida do vitima geram inúmeras anomalias e prejuízos gravíssimos a saúde do mesmo ao exemplo de: Sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social (timidez patológica), transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo e compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, e em casos mais graves esquizofrenia,

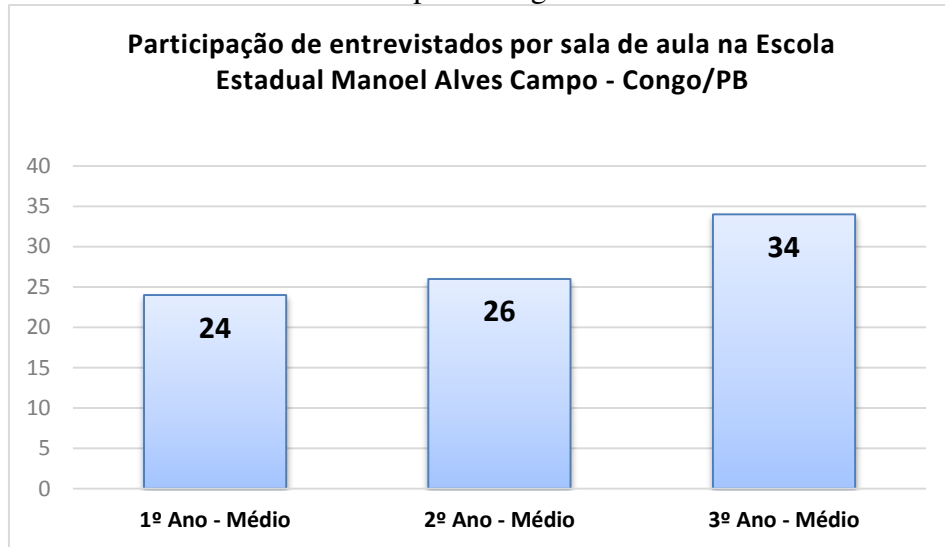
suicídio e homicídio.

Deste modo, mediante ao exposto pode-se tomar a consciência de quão grave é o problema do bullying no campo escolar e na sociedade como um todo, criando-se a necessidade entre pais, professores e autoridades de criarem mecanismos de combate e soluções urgentes para que se possa diminuir este ato de crueldade que as crianças, adolescentes e adultos que possuem suas peculiaridades sejam respeitadas e protegidas deste ato de selvageria que os arremessam a possíveis destruições.

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os dados apontados neste estudo é o resultado das informações coletadas através das entrevistas com questionários aplicados aos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Manoel Alves Campos, localizada no município de Congo, no Cariri Paraibano.

Gráfico 1- Participação de entrevistados por sala de aula na Escola Estadual Manoel Alves Campo – Congo/PB



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Os alunos, público alvo desta pesquisa, fazem parte do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual Manoel Alves Campos. No total, foram aplicados 84 questionários no período de Julho à Dezembro de 2017, sendo 24 alunos do 1º ano, 26 do 2º ano e 34 alunos na sala do 3º ano.

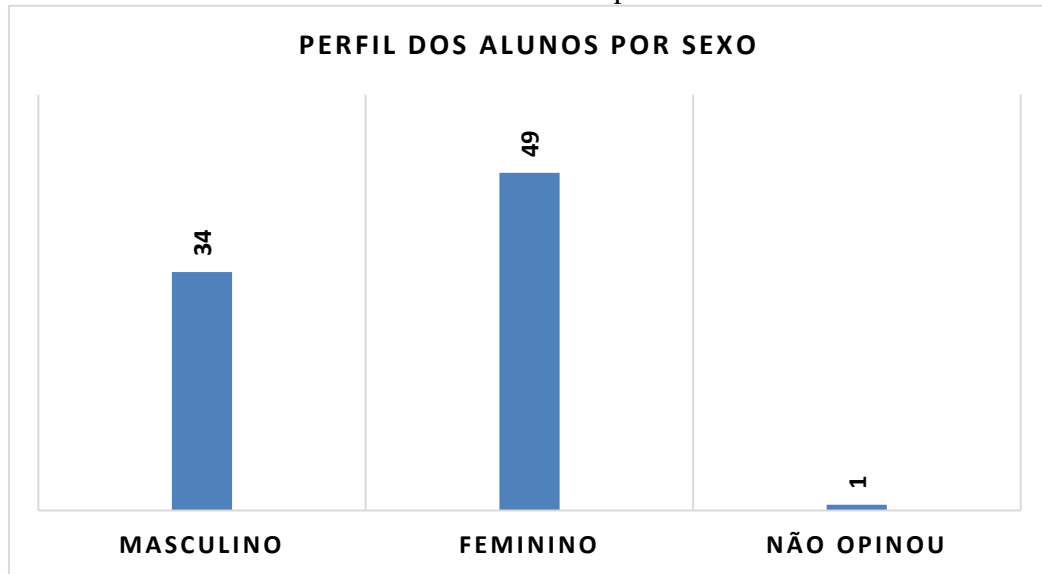
Após a aplicação dos questionários, foi realizada a sistematização dos resultados para observar o perfil de cada participante, bem como, o envolvimento direto e indireto destes com o tema abordado. Deste modo, a pesquisa buscou identificar a partir da visão da comunidade escolar, como o bullying é visto dentro da escola e quais consequências acarretam aos respectivos alunos.

Para alcançar os resultados e identificar melhor o comportamento e a situação destes alunos, foi necessário dividir os questionários em questões fechadas e abertas, objetivando atingir a eficiência dos estudos em coleta de dados. Foram analisados inicialmente, os dados das questões fechadas, e em seguida as questões abertas.

3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Antes de começar a discussão propriamente dos dados coletados, se faz necessário conhecer o perfil dos alunos entrevistados, identificando um cenário social para compreender melhor as análises que poderiam correlacionar aos sujeitos, que possivelmente seriam vítimas de violência na escola.

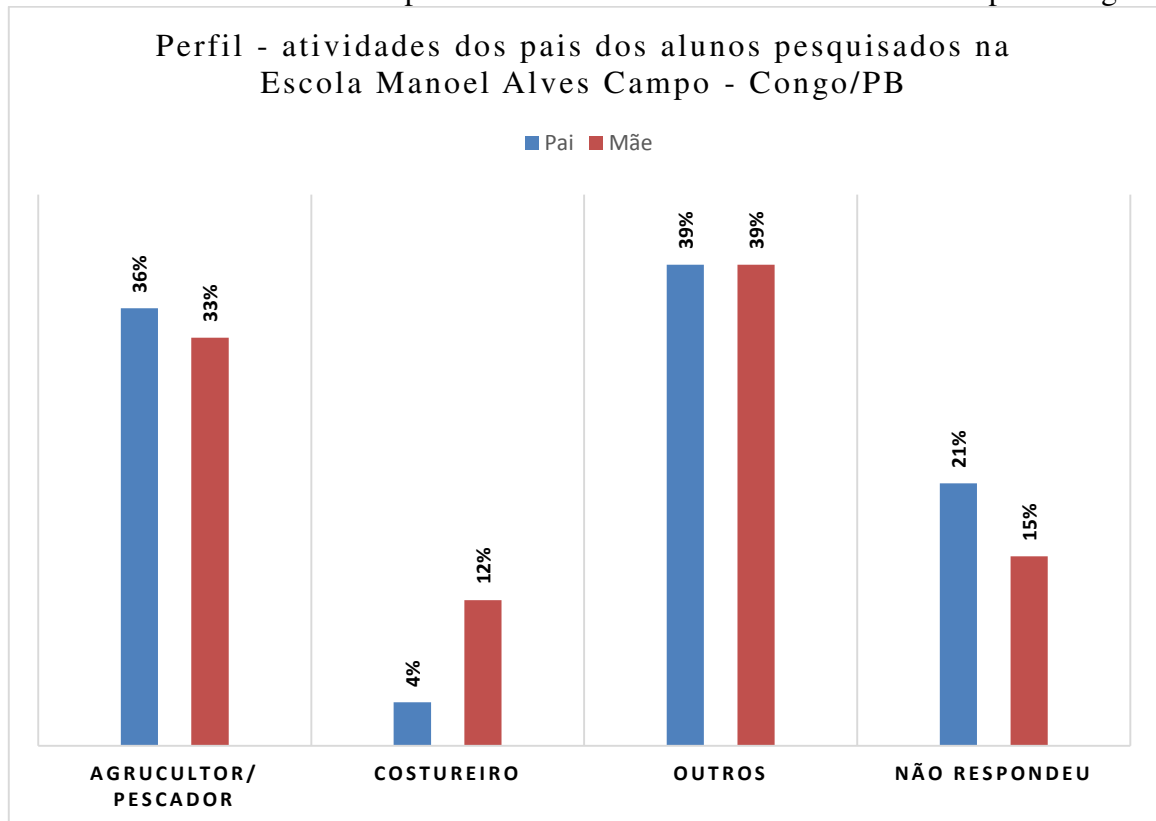
Gráfico 2 - Perfil dos alunos por sexo



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Conforme o gráfico 02, 49 dos alunos são do sexo feminino, 34 do sexo masculino e 1 aluno (a) não definiu seu sexo. Pode-se observar que 58,3% é do sexo feminino, um público bastante considerável na pesquisa.

Gráfico 3- Atividades dos pais dos alunos da Escola Manoel Alves Campo - Congo/PB



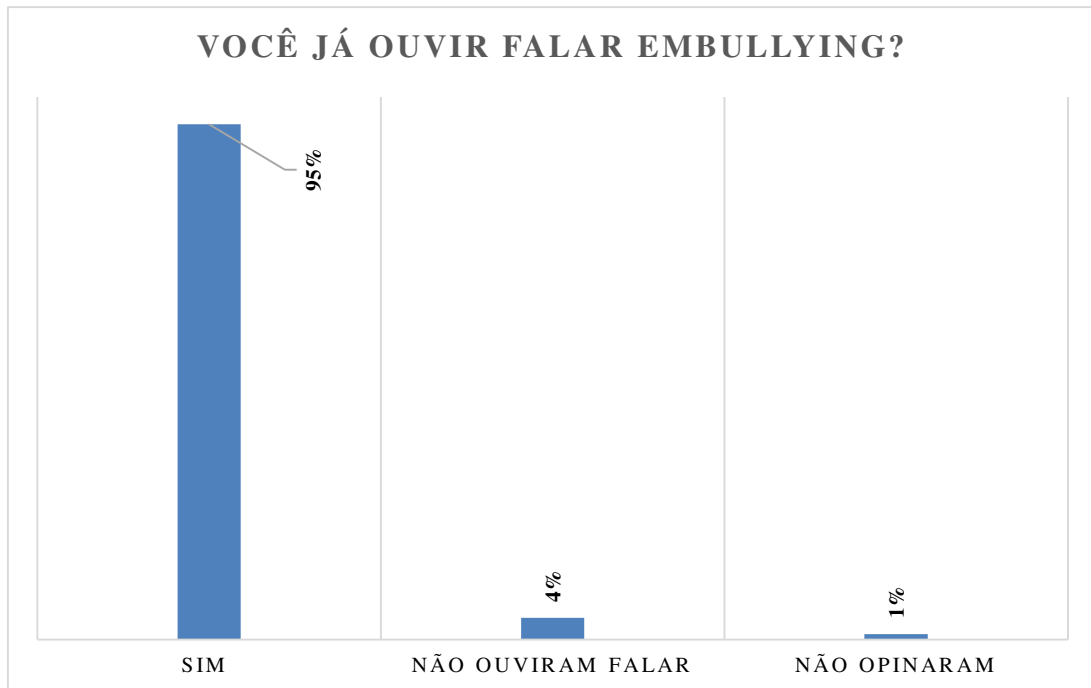
Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Em relação as atividades dos pais dos alunos, percebe-se que 36% (pai) e 33% (mãe) têm atividades agrícolas, possivelmente por conta de suas atividades, talvez residam na zona rural. Outros dados declarados pelos alunos mostram que cerca de 39% dos pais têm atividades diversas (outros), 21% (pai) e 15% (mãe) não responderam ou não sabiam. Por último, a pesquisa revela que alguns dos pais desses alunos trabalham no ramo têxtil, sendo 4% dos pais e 12% costureiros, talvez pela proximidade com a cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no estado de Pernambuco, polo têxtil na região.

3.2 GRAU DE CONHECIMENTO SOBRE O BULLYING NA ESCOLA

Após abordar o perfil dos entrevistados se faz necessário entender como os alunos compreendem o objeto dessa pesquisa no convívio social. É importante, também, analisar os aspectos vivenciados pelos alunos e entender onde eles estão inseridos no contexto de violência dentro da escola.

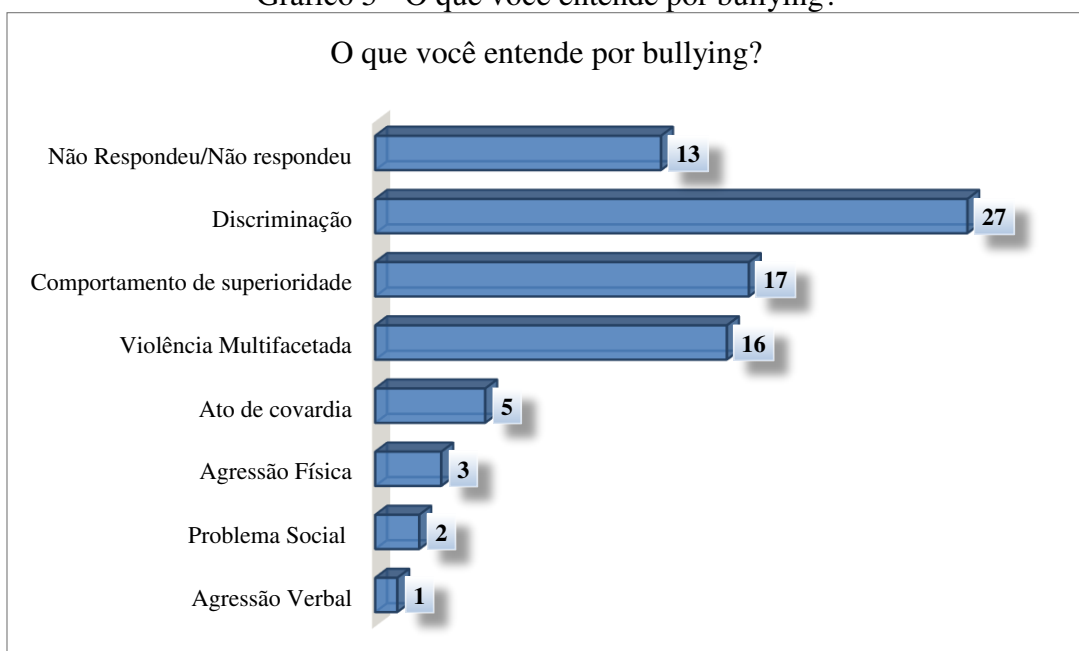
Gráfico 4 - Conhecimento dos alunos sobre o bullying



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A pesquisa buscou saber se os alunos já ouviram falar sobre o tema '*bullying*'. Um fato que chama atenção, é que o tema abordado é amplamente conhecido pelo alunos das três salas de aula. Cerca de 95% deles responderam que já ouviram falar sobre o *bullying*, 4% não ouviram falar e 1% não quiseram responder.

Gráfico 5 - O que você entende por bullying?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Depois de entender se os alunos conheciam o bullying, a pesquisa buscou aprofundar e identificar o melhor conceito relacional entre violência e bullying escolar. Então, pediu-se que os participantes em amostra estudada, conceituasse sobre o bullying e a violência, de modo a perscrutá-los em suas compreensões pessoais.

No gráfico 05, colocado de forma quantitativa, os entrevistados especificaram que o bullying tem características diversas, sendo que 27 alunos disseram que entende *bullying* como uma discriminação, existindo no *bullying* um desrespeito discriminatório, onde o preconceito está pautado em um forte componente emocional que faz com que os sujeitos se distanciem da razão. Ainda neste estudo, relataremos que dentre as várias conseqüências vistas em vítimas de atos discriminatórios estão a depressão, baixa autoestima, agressividade, desvios comportamentais, formação debilitada da identidade, além de dificuldades na aprendizagem e evasão escolar.

Ainda neste gráfico, 17 alunos relatam que o tema bullying está relacionado diretamente ao comportamento de superioridade, onde as pessoas com complexo de superioridade sentem necessidade de falar sobre as suas conquistas e qualidades, se tornando, em sua maioria, inconvenientes e até arrogantes. O grande problema é que, para se sentir bom o suficiente, este indivíduo normalmente inferioriza as outras pessoas e age como dono da verdade, tornando-se uma companhia desagradável, afetando o convívio social, principalmente no meio escolar.

Outro número que chama atenção nas respostas dos alunos é que 16 deles apontam o bullying como uma violência que tem sentido figurado, multifacetado com diferentes atributos, personalidades e características, possuindo variados e peculiares aspectos, podendo estar enquadrada e atuar em grupos distintos.

O gráfico 05 também revela que 05 alunos disseram que é um ato de covardia, onde os agressores fazem de suas vítimas sujeitos inferiores, fazendo com que elas percam sua autoestima e ainda a vontade de estudar nesse ambiente; 03 alunos acredita que bullying é uma agressão física, 02 alunos responderam ser um problema social e 01 relatou que é uma agressão verbal. Nesta mesma pergunta, 13 alunos não responderam ou não quiseram comentar sobre o seu conhecimento acerca do tema. O que se observa, na verdade, são noções mistas de ideias, que se confundem com juízo de valor, (sobre a questão), nada esclarecedoras a contento.

Pois, apesar de uma parcela, não ter respondido, cerca de 15%, definindo conforme seus entendimento, 85% dos alunos mostraram que o tema é vivenciado e acontece em quase todas as escolas comumente. Ao que cremos ser um ato corriqueiro e cotidiano, que acontece

como se fosse normal, e que às vezes passa despercebido, e por vez inconsciente, da parte do Agente agressor que comete a prática danosa. As vítimas, por sua vez, oprimidas, reagem ou (se acomodam incomodadas), por muitas vezes aceitam a violência, acostumando-se por serem frágeis ou impotentes, talvez, dentre os 15% que não responderam estejam alguém que não sabe discriminar, não vivenciou, ou que, não gostariam de falar sobre o assunto. Campos e Jorge (2010) ressaltam que:

Na maioria das práticas de humilhação e desrespeito, como insulto e a difamação, não é divulgada; além de que na maior parte das vezes, sua prova é de difícil verificação. Acrescenta-se, nessa perspectiva, a vontade da vítima de esconder seu sofrimento em face da vergonha e a omissão de grande parte das pessoas que assistem ao ato de desrespeito. Em que pese a pouca divulgação, os casos dessa natureza se repetem diversas vezes no cotidiano escolar (CAMPOS E JORGE, 2010,p.42).

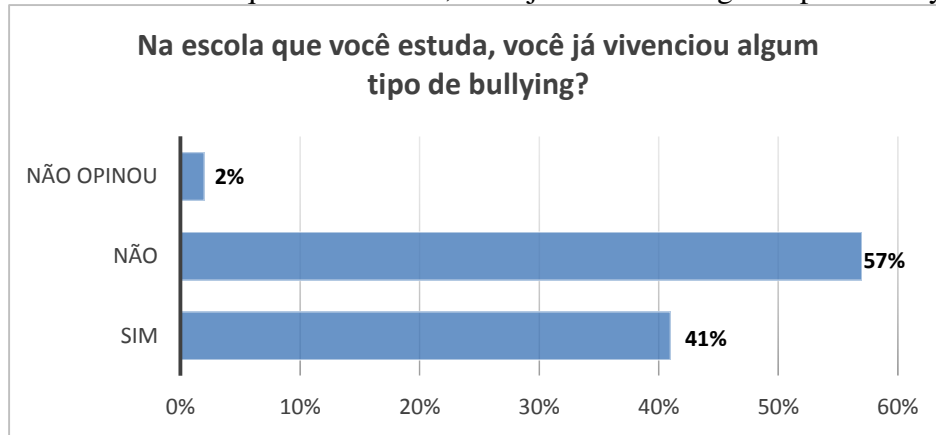
Neves 2014 alerta para o efeito negativo do bullying que faz a vítima sofrer, e que ele é mais que uma brincadeira de mau gosto, é um ato de perversidade, é muito mais que uma simples provocação. E sob o mesmo ponto de vista, Salvador (2015) reforça que o bullying faz o outro sofrer, e é mais que uma brincadeira de mau gosto, é um lapso de perversidade, é muito mais que uma simples provocação.

Fante (2005) citado por Toro *apud* (2010, p. 133) relata sobre a noção social da violência, mais precisamente, sobre o *bullying* escolar:

São imprescindíveis a sensibilização e o envolvimento da comunidade escolar na compreensão e redução do fenômeno. A prevenção pode ser iniciada por meio da capacitação dos profissionais, com o objetivo de compreender o bullying, bem como o conhecimento de estratégias de intervenção e prevenção, tais como: Refletir sobre os valores humanos como é ética, cidadania e moral; valorizar o diálogo, respeito e as relações de cooperação; criação de um serviço de denúncia de bullying; criação de um estatuto contra o fenômeno; e encontros com a família (FANTE (2005) CITADO POR TORO, NEVES E REZENDE (2010, P. 133)).

Chama-nos atenção, os dados relatados pelos alunos, de forma resumida eles entendem bullying como discriminação, comportamento de superioridade, violência multifacetada, atos de covardia, problema social agressão verbal e física.

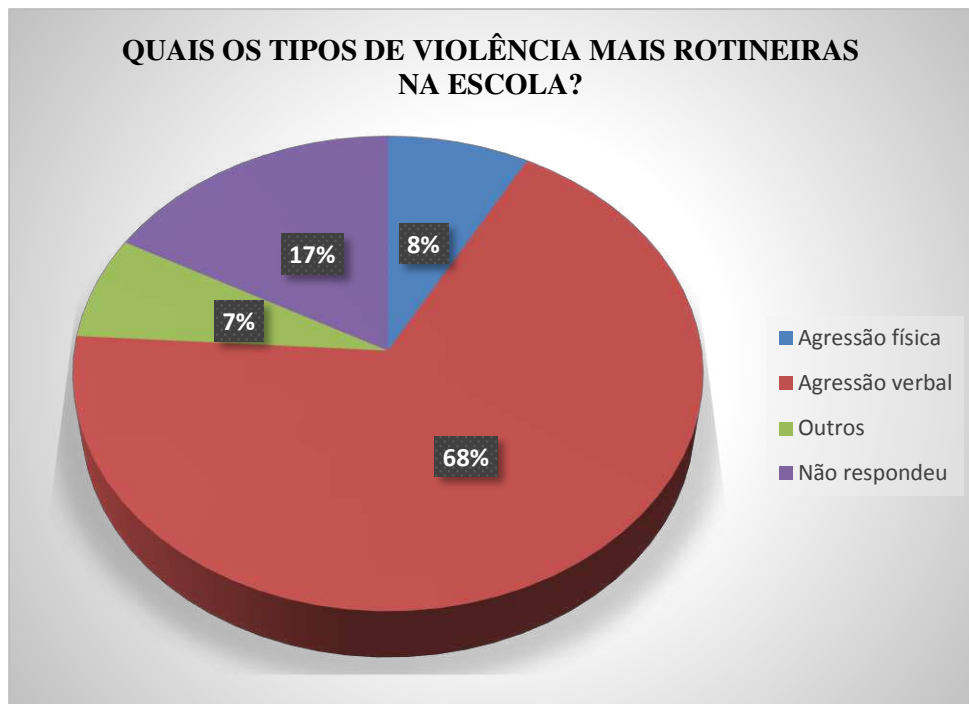
Gráfico 6 - Na escola que você estuda, você já vivenciou algum tipo de bullying?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quando em dado momento perguntou-se aos sujeitos participantes do estudo, se na escola em que estuda, ele, em alguma circunstância casual, já teria vivenciado algum tipo de prática de bullying, os alunos pesquisados da escola Manoel Alves Campos disseram que 41% já vivenciaram esta violência simbólica. Já cerca de 57% responderam que nunca vivenciaram e 2% não responderam. Os dados fazem um alerta a gestão escolar e aos próprios pais pelos percentuais apresentados.

Gráfico 7 - Quais os tipos de violência mais rotineiras na escola?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quando se pergunta ‘Quais os tipos mais frequentes de violência que acontecem na sua escola’, os entrevistados responderam que 8% são as agressões físicas, 7% outros tipos de

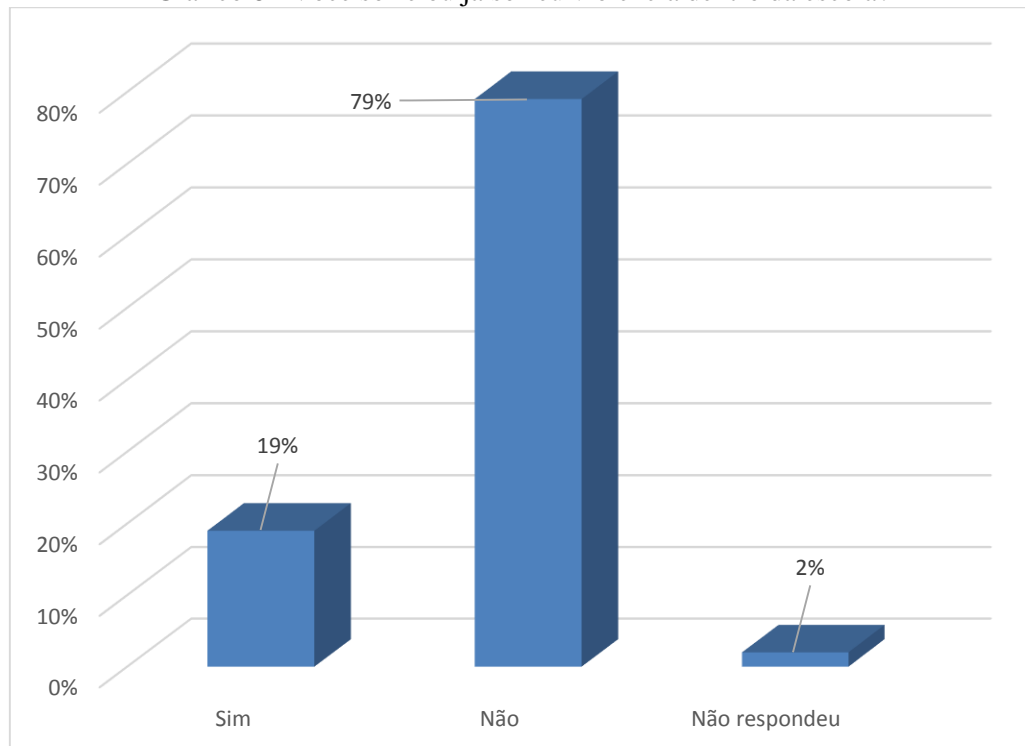
violências, 17% não responderam e 68% são por conta das agressões verbais. Vale ressaltar que a violência verbal entre alunos ocasiona por meio de um comportamento agressivo, caracterizado por palavras danosas que tem a intenção de ridicularizar, humilhar, manipular e/ou ameaçar. A violência verbal define-se por palavras ofensivas do agressor para com a vítima, em muitos casos, no contexto escolar.

Toro *et al.* (2010, p. 127) corroboram dizendo que concordam que o conhecimento abordado nesse estudo, o esclarecimento sobre o fenômeno do bullying é escasso o que acaba dificultando por muitas vezes a identificação dos casos existentes dentro do contexto escolar. Eles ainda acrescentam dizendo da importância de investigar a violência dentro da escola para auxiliar o melhor entendimento de como os sujeitos são afetados e de como essa violência pode influenciar no desenvolvimento e na integração social do indivíduos.

No entanto, questionou-se sobre o conhecimento particular e individual de cada entrevistado, se estes acreditavam que a violência esteja presente nos seus respectivos espaços escolares, ou se ainda, os mesmos identificavam haver ou não violência nestes ambientes.

A partir do entendimento de como os pesquisados observavam a existência de violência na escola, o estudo buscou relacionar se os alunos já teriam sofrido algum tipo dessas violências na escola, objeto desta pesquisa.

Gráfico 8 - Você sofre ou já sofreu violência dentro da escola?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Observa-se que no gráfico 08, 79% responderam que nunca sofreu violência dentro da escola, mas em contrapartida 19% revelaram que já sofreram ou sofrem algum tipo de violência. A partir deste dado de 19% já terem sofrido ou sofre violência no meio escolar, o estudo buscou especificar a resposta e pergunta qual ou quem foi o autor (agressor).

Gráfico 9 - Questão relacionada ao Gráfico 8: Se a resposta for Sim, por quem você foi agredido?



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No gráfico 09, o estudo mostra que 17% dos alunos que confirmaram terem sofridos a violência dentro da escola, disseram que foram vítimas dos seus próprios colegas, 2% dos próprios professores, 1% dos funcionários da escola, 2% de outras pessoas, 77% não responderam ou revelaram quais os autores, mesmo tendo respondido que foram ou são vítimas de violência na escola.

Categoricamente, 77% afirmam crer que, sim, há violência na escola. Neste ponto, observou certa subjetividade objetiva que faz pensar o conceito de violência para este grupo. Arrisca-se induzir que estes, não sofrem, nunca sofreu, ou segundo a óptica, não sabem definir, ou mesmo, que dentre estes, confortável grupo estão os próprios agentes promotores de violência sutilmente banalizada, ou ainda, porque se acostumaram, deixando passar cotidianamente e despercebida presença.

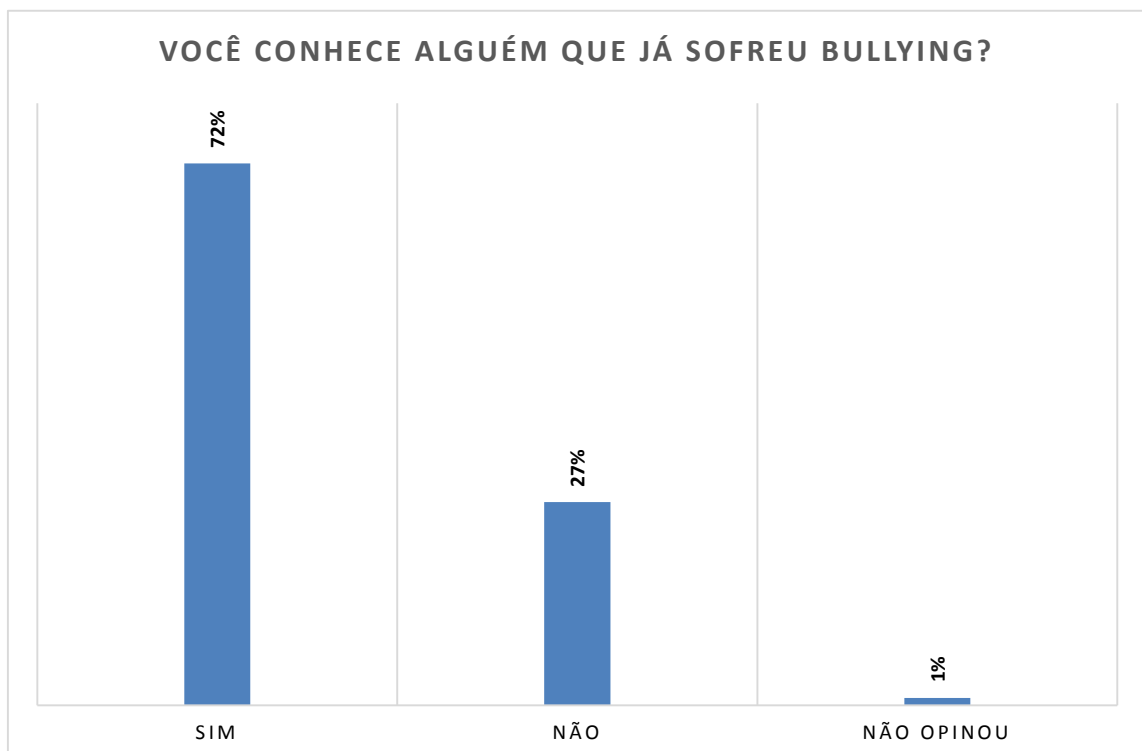
Na amostra estimulada de caráter objetivo e questão fechada, teve-se a intenção de fazer uma provocativa descoberta, mas não houve êxito nas respostas esperadas. O resultado deste

gráfico revela contradições e um forte poder opressivo (sutilmente instalado) exercido sobre a vítima, que omite por medo, talvez, de represálias. O que chama atenção de fato são os 77% de abstenção a resposta. O percentual relativo a outros motivos (2%) ou familiares (0%) são algo indefinidos, e que cremos ter relação com a família, e que zera em percentuais (uma espécie de ocultamento protecionista).

Este ponto merece especial atenção, pois a escola é um meio de transição entre o lar familiar e os espaços públicos de vivência e convivência humana em suas relações sociais – a casa comum, o mundo físico exterior, de convivência civil e cidadã, nas relações sociais com pessoas. Ações de acontecimentos contextuais oculto, aos olhos externos, que influem no comportamento pessoal individual e particular de cada sujeito. Ou seja, no lar mesmo que aconteça, a vítima tem os olhos cerrados, porque ela crê, de certo modo que lá é o seu refúgio inviolável. Assim, o agressor se fortalece no mesmo berço do mais fraco, à medida que o oprime. Definindo deste modo o perfil das atitudes práticas de comportamento dos sujeitos, tanto da vítima, que é atacada e ofendida, como do agressor que ataca, ofende e oprime.

Na verdade, dando enfoque a violência na escola, observou-se que a grande maioria, sofre algum tipo de violência dentro da escola, e que, a mesma, parte de Colegas equivalendo a 19%; Professores 2%; e Funcionários 1%. Este gráfico revela-nos, certamente, o ponto de origem do problema, que se reflete na escola, traduzida na forma de violência.

Gráfico 10 - Sondagem se os alunos conhecem alguém que já tenha sofrido o bullying



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quando questionado se estes alunos conheciam alguém que já sofreu o bullying, 72% responderam que conhece pessoas que já passou por este tipo de violência, 27% não conhecem e 1% não respondeu. Possivelmente, uma parcela deste percentual de 72% possam ser até mesmo os próprios entrevistados, que por conta de receio, não admitem terem sido vítimas.

Empenhados no propósito dos sentidos abstratos da realidade social, nas escolas, buscamos entender a visão dos alunos de como o bullying ocorre na escola, tentando desvendar os reais motivos que permitem que o bullying aconteça, neste caso, a pesquisa registrou o seguinte resultado abaixo:

Quadro 1- A visão dos alunos de como o bullying ocorre

<i>Por que você acha que o bullying acontece?</i>	
Desrespeito entre os indivíduos na escola	38
Arrogância	9
Preconceito	7
Deficiência na educação familiar/falta de limites	6
Fracasso nivelado transferido (reconhece e desfere ações vingativa)	4
Omissão	3
Desigualdade social	3
Ato involuntário banal (para o agressor é comum, normal)	3
Crítico-observadoras	2
Brincadeiras e falta de respeito	2
Superioridade	2
Forma/intensão de ofender	1
Não respondeu	4

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nesse sentido, as respostas ganham dimensão de sentido traduzido em significado: desrespeito entre os indivíduos na escola, arrogância, preconceito, deficiência na educação familiar/falta de limites, fracasso nivelado transferido (reconhece e desfere ações vingativa),

omissão, desigualdade social, ato involuntário banal (para o agressor é comum, normal), crítico-observadoras, brincadeiras e falta de respeito, superioridade e forma/intensão de ofender.

Observando a Quadro 01, 38 alunos, equivalente a 46% dos pesquisados, acham que o bullying acontece por conta do desrespeito entre os indivíduos na escola. Acredita-se que tais problemas tenham origem, a partir da educação receitada e orientada nos lares, e isso, está representado por na mesma Quadro, onde 6 alunos revelam que a deficiência é na educação familiar, uma deficiência na formação do indivíduo, que traz consigo e que se choca com valores familiares e sociais. Neste ponto, os atos praticados são correspondentes ao tipo de violação sofrida no lar – a má educação comportamental, ou seja, o modo de comportamento doméstico, é reproduzido nas interações sociais.

Silva (2015), explica e especifica que a educação obtida no lar reflete sem dúvida alguma no comportamento social dos indivíduos:

Educar é confrontar os filhos com as regras e os limites, além de fornecer-lhes condições para que possam aprender a tolerar e enfrentar as frustrações do cotidiano. Quando os pais não conseguem delimitar de forma Clara as fronteiras entre o que se pode e o que não se pode fazer, eles se tornam incapazes de exercer uma ação educativa eficaz. As consequências dessa renúncia dos pais aos seus papéis de educadores são, no mínimo desastrosas, para não dizer explosivas. Resultam em filhos egocêntricos, sem noção alguma de limites e totalmente despreparados para enfrentar os desafios e os obstáculos inerentes à própria vida. [...] Esses jovens habitam-se, desde muito cedo, a ser o centro das atenções em sua casa, onde as regras foram inexistentes, ignoradas ou flexibilizada em excesso. De forma Quase natural, eles se em sociedade de acordo com esse modelo doméstico. Muitos deles não se preocupam com as regras sociais, não refletem sobre a necessidade dela no convívio coletivo nem sequer se preocupam com as consequências que seus atos transgressores podem ocasionar nos outros, que pagam injustamente por eles (SILVA 2015, p.63/64).

Ambas as classificações, tratam de desrespeito, um com tendência mais emocional e o outro, mais relacionado ao comportamento dos sujeitos, em suas relações sociais.

Na sequência, apontam em 10,7% (9 alunos) disseram que o bullying acontece pela arrogância dos agressores demarcado por termos (rotulo, superiores, intolerante, raça, deficiência física, sexo), que denotam o ponto de apoio, para que se iniciem as agressões verbais pessoais contra a vítima.

Outro grupo cita a sensação de impotência limitante, o qual merece relevante atenção, ao estudá-la. Representada por 4 alunos, no qual dizem que os agressores desferem ações vingativas contra seus agredidos por conta de frustração pessoal, insatisfação, se sentirem derrotados e por conta disso cometem tais violências. A pessoa encurralada, sem saída solúvel, oprimida; Se vingam, ou descarrega as ações violentas, como o mau humor, sobre as outras por não saber conversar, descrever o problema, pedir ajuda, a ponto de encontrar uma

solução para sanar o problema enfrentado, o que faz - o agressor vitimado - sofrer angustiado, ansiando resposta.

Pois se ver fracassado, limitado, impotente, só – carente de algum cuidado ou atenção especial, da parte de alguém ou de alguma coisa, em outrora julgada importante, fundamental, e a torna uma questão de honra, uma meta mal resolvida, que o sujeito persegue incansavelmente, (sem encontrar); E assim, se estressa, e se cansa, querendo desistir, mas sem poder – suas forças se esgote, chegam ao limite, e ele precisa de um auxílio próximo de um grito de socorro – (‘me acudam’; prestem atenção; olhem como estou; tenham pena de mim; sou fraco, mas com uma dose de orgulho – não sei resolver sozinho; me ajudem; ouça-me; toque-me; olhe-me; sintam-me). É algo próximo de um drama. Não é ‘frescura’! É o início de uma questão de saúde pública (estresse, ações violentas, depressão) e segurança social (crimes tiranos de ordem psicossocial – suicídio, massacres, atentados homicidas individual/pessoal ou coletivo).

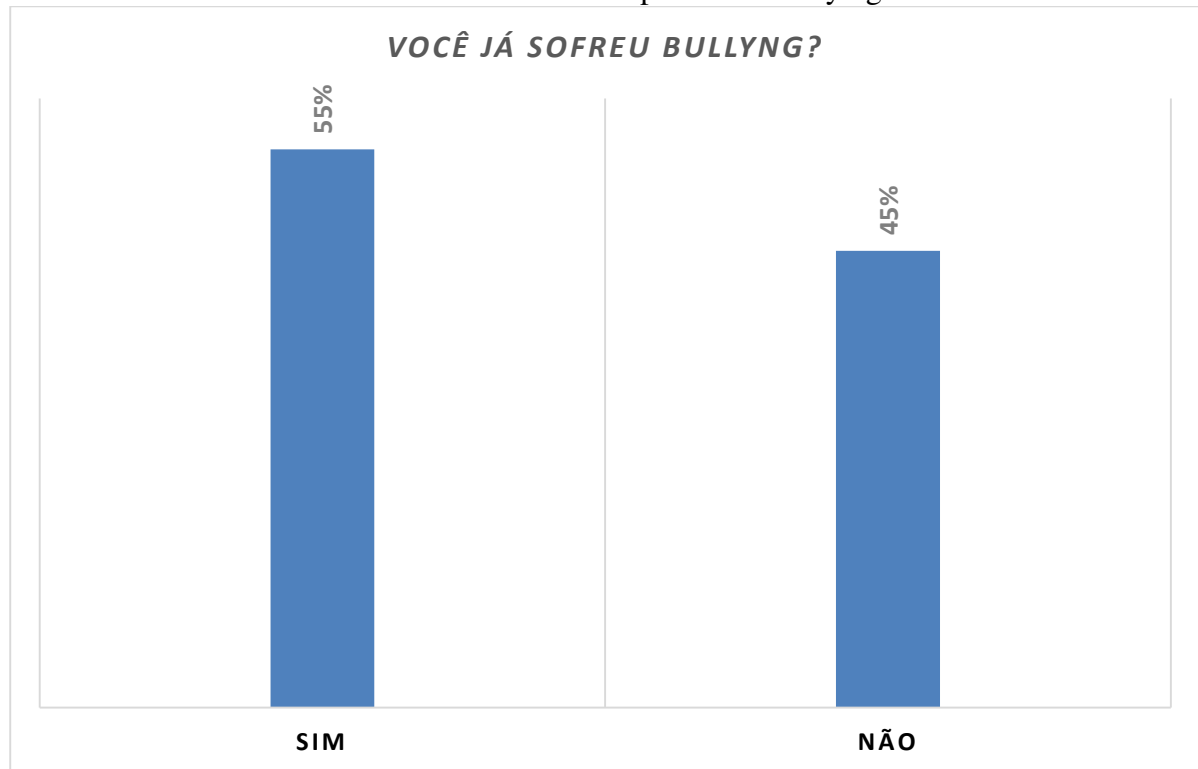
Diante deste cenário, o que chama-nos a atenção são os dados que tratam sobre: o Ato Involuntário Banal (3 alunos), no qual para o agressor é comum à prática – é normal agredir, e vai de um nível inconsciente, até o nível sádico, descrito nos termos (comodismo, aceitação, ou acostumou-se com a violência, de tal modo a também praticá-la); Seguido E a noção de Ato Inconsequente, em percentuais de 2%, que é quando a pessoa pratica determinado o ato sem medir as consequências refletidas, algo tipo uma brincadeira que magoa, dentre outras.

Em suma, 1% (01 aluno), creem que tudo isso, se deva, (a ambas), a questão da Forma ou Intenção de Ofender, termo definido, como sendo, uma forma de atacar, prejudicar, de modo ofensivo o outro, algo parecido com uma espécie de vingança mixada com sadismo; E da Imposição dos Padrões Sociais, que está atrelada a violência simbólica – na qual a pessoa tem que seguir padrões impostos socialmente, para poder ‘se encaixar,’ e ser aceita por outras pessoas de determinado grupo social, que frequenta ou convive. Isso é comprovado, nas descrições de 2,3% (3 alunos), dos que creem ser agredidos por conta de desigualdade social, por conta de sua condição social, financeira e cultural. Como evidencia Campos e Jorge (2010, p.112/113 apud Goffman 1982 apud Ballone, 2005) que:

Apesar de considerar um erro culpabilizar uma pessoa por sua diferença, esclarece que a própria sociedade elege critério de classificação o que considera normal, de modo que aquele que não possui tais características sofre preconceito e discriminação, como se houvesse uma escala na qual existiriam pessoas inferiores e superiores. Alguns desses critérios variam de acordo com determinada época e cultura, ao exemplo do padrão de beleza feminino que já elegeu desde mulheres acima do peso até mulheres bastante magras. Desde cedo as crianças são classificadas e confinadas em subgrupos nas escolas e nos bairros, segundo aparência, interesses ou comportamentos, apesar de isso se dá de forma implícita CAMPOS E JORGE (2010, P.112/113 APUD GOFFMAN 1982 APUD BALLONE, 2005).

Em tudo há reflexo, a cada ação se é correspondida com uma reação, seja positiva ou negativa.

Gráfico 11 - Vítimas da prática do bullying

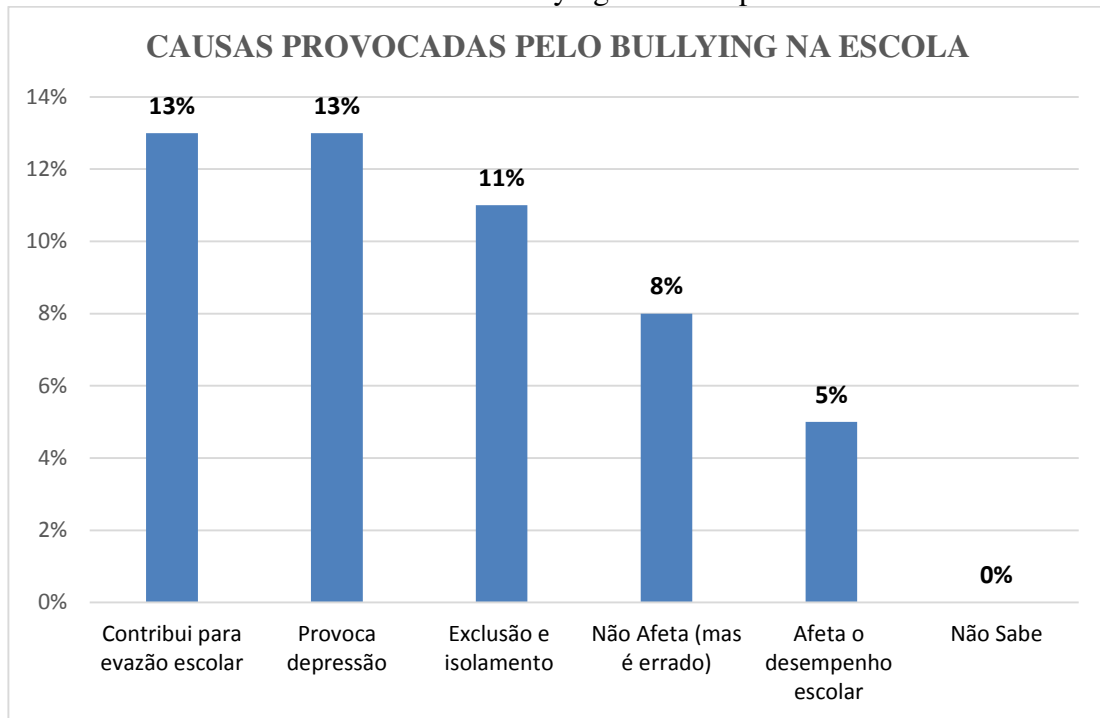


Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Quando questionado aos alunos se eles teriam sofrido bullying, 55% disseram terem sido vítimas do bullying e 45%, não tinham sido violados com tal prática. O gráfico 11 mostra que quase a metade da população pesquisada já teria sofrido com as ações práticas do bullying por parte de seus agentes agressores. Percebe-se que 55% pode ser um ainda subjetivo, já que, dentro dos 45% podem estar alguns alunos que não tenham admitidos terem sofrido o bullying na escola, talvez por medo ou vergonha, sequelas de tal ação.

Quando recorremos e analisamos, de modo indireta, se o bullying praticado na escola afeta o desempenho dos alunos? Por que? Perscrutamos na verdade, as causas em que as mesmas são refletidas.

Gráfico 12 - Causas do bullying no desempenho escolar



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O gráfico 11 revela que quando o *bullying* acontece causam problemas graves aos alunos, prejudicando-os no desempenho escolar e até mesmo no convívio social e familiar.

De acordo com os dados, 26% dos alunos, mais de $\frac{1}{4}$ dos pesquisados disseram que o *bullying* contribui para evazão escolar (13%) e provoca depressão, também com 13%.

Os 13% que responderam que a violência contribui para evazão escolar comenta de forma subjetiva que isso vem afetar o desempenho escolar, desmotivando e desconcentrando, fazendo com que o aluno perca o ânimo, o interesse, desencorajando-o nos estudos. Alguns até considera o *bullying* uma praga, prejudica a participação dos alunos, deixando-os inseguros na escola.

Em relação aos 13% dos alunos que responderam que o *bullying* provoca depressão e pode até mesmo provocar suicídio, ocasionados por brincadeiras que desmerecem as pessoas, apelidos desagradáveis que só magoam quem por eles é chamado, agressões de ordem física e até psicológica.

Ainda no gráfica, observa-se que 11% dos alunos dizem que o *bullying* provoca exclusão e isolamentos dos alunos, isolando-os do convívio com os demais, causando revolta, e constrangimento, além de ficarem entristecidos, sentindo-se desprezados, humilhados, inferiores e incapazes.

Já 8% responderam que esse tipo de violência não afeta nada, mas considera que é errado cometê-la. Ainda 5% disseram que afeta o desempenho escolar, provocando até mesmo a evasão escolar, causa já destacada neste estudo.

Nisto implica dizer que, tais práticas de bullying, deixam sequelas grafadas nas memórias dos sujeitos. Pois os mesmos relatam praticas vivenciadas ou testemunhadas, consigo mesmas ou por pessoas próximas, dentro da escola e que os tem marcado, severamente.

Quadro 2 - Sequelas do Bullying na memória escolar dos indivíduos sociais

<i>Sequelas do bullying na memória escolar</i>	
Não Vivenciou/lembra	16%
Apelidos (comparações de similaridade nominal)	11%
Insultos (xingamentos)	8%
Escárnio/ridicularização (gordo)/provocações	8%
Agressão Física e Verbal (brigas por conta de fofocas)	5%
Agressão Verbal (discussão de palavras alteradas)	5%
Racismo (macaco, negro imundo)	5%
Discriminação (aparência, Aspecto físico, exteriortipo, bio-tipo / gordo, magro, maltrapilho, pobre)	5%
Atentado Suicida Pessoal e Evazão Escolar	3%
Agressão Verbal contra Professores e Funcionários (alunos com sinais de tirania, agride diretamente com xingamento, mal comportamento e desrespeito)	3%
Comportamento Gay (agredido por conta do preconceito)	3%
Nada Grave, (somente coisas simples, corriqueiras, normal)	3%
Não Respondeu ou não quiseram acrescentar	26%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Apesar de uma parte dos alunos relatarem que não lembravam e não tinham vivenciado o *bullyng* na escola, representada em 16%, outros 26% não responderem, totalizando estes dois públicos 42%.

Mais o restante da massa, em somatória, tem se manifestado em 58%, tendo os apelidos ficando com 11%, seguidos pelos insultos e xingamentos com 8%, escárnio, ridicularização e provocações (8%).

Com o mesmo percentual de 5% se encontra agressão física e verbal (brigas por conta de fofocas), agressão verbal (discussão de palavras alteradas), racismo (macaco, negro

imundo), discriminação (aparência, aspecto físico, exteriorio, bio-tipo/gordo, magro, maltrapilho, pobre).

Já com 3% aparece agressão verbal contra professores e funcionários, onde alunos com sinais de tirania, agride diretamente com xingamento, mal comportamento e desrespeito, respingando em quem muitas vezes não tem nada haver, mas está responsável pelo processo – os Professores e Funcionários. Estes são agredidos, em detrimento da ordem. Tidos como mal-educados, alunos tiranizam com seus maus comportamentos desrespeitosos, com atos de xingamentos e até agressões. Ou seja, violência gera outras violências, que ‘se multiplicam por divisão’.

Ainda com o mesmo percentual (3%), o comportamento homofóbico, onde homossexual (gay) é agredido por conta de preconceito, simplesmente por conta de sua opção sexual; já outros (3%) acham tudo isso nada grave, somente coisas simples, corriqueiras, normal.

Mas o que chama-nos atenção e que acaba resultando no mais grave e danoso, apesar do baixo percentagem, é o atentado suicida, relatado por 3% dos alunos. Ainda está neste percentual a evazão escolar.

3.3 RECURSO DE ENFRENTAMENTO AOS DESAFIOS EVIDENCIADAS CONTRA O BULLYING ESCOLAR

Diante do exposto, resta-nos conhecer como anda os sentimentos de enfrentamento propostas, em resposta a estas práticas de bullying.

Quadro 3 - Sentimentos provocados pelo bullying

Sentimentos provocados pelo bullying	
Tristeza e Revolta (Ódio, vontade de agredir, ignora)	13%
Desprezo (desrespeito, desconforto, desanimo, humilhação, vazio, Pequeno, sem sentido)	11%
Não Sofreu/ Foi Vítima/Vivenciou	8%
Reativo (Raiva, Ângustia, Tristeza toma conta do corpo, Sentimento Negativos e de Revide)	8%
Desanimo (descontentamento, baixa estima, tristeza)	8%
Vergonha- (se sente estranho, timidez)	5%
Raiva	5%
Indescritivel (só sabe quem passa)	5%
Não Sabe	3%
Tristeza e Dor	3%
Desagradavel- não ligo/ aprendi a lidar	3%

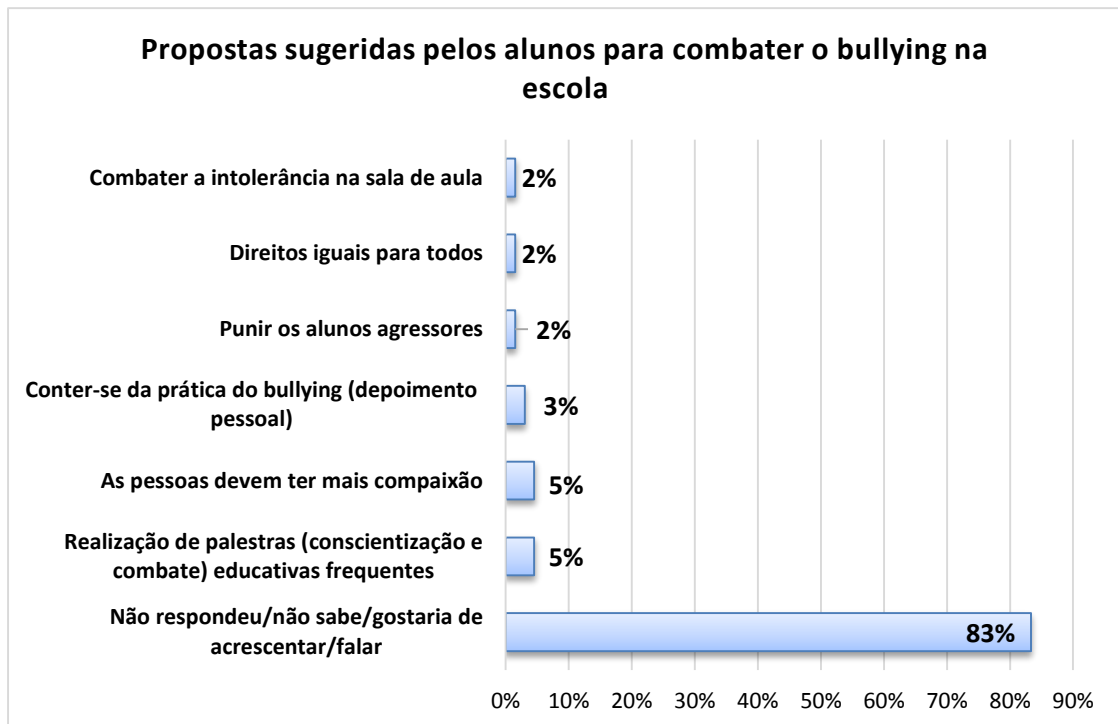
Alívio- poder falar sobre o bullying	3%
Revolta	3%
Tristeza e Sofrimento	3%
Não Respondeu	21%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A Quadro 03 traz quais seriam os sentimentos que estes alunos cultivavam nos seus interiores psíquicos ou emocionais, por ter vivenciado esse tipo de experiência, os dados que chamam a atenção são tristeza e revolta (ódio, vontade de agredir, revidar, ignorar), com 13%; e desprezo (desrespeito, desconforto, desanimo, humilhação, vazio, pequeno, sem sentido), com 11%, pois são sentimentos que leva a outras práticas, gerando mais violência, mas uma violência de revanche, vingativa, com o propósito de estancar o problema.

Diante disto, buscamos por alternativas possíveis soluções, a partir dos próprios participantes em estudo, a pesquisa obteve os seguintes resultados no gráfico 13:

Gráfico 13 - Possíveis Propostas de Solução, Enfrentamento e Combate à Violência na Escola



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Conforme o gráfico 14, 83% dos alunos não respondeu, não sabia e não gostaria de acrescentar. Lamentáveis respostas, já que, mesmo com as evidências declaradas pelos próprios alunos, talvez um percentual dessa sua maioria, possivelmente seria vítima de bullying e poderiam abrir um dialogo com futuros estudos e ação preventidas para combater

tal violência.

Dos alunos que sugeriram propostas, sendo 17% dos pesquisados, apontam soluções possíveis de acontecimentos real. Cerca de 5% sugere a realização de palestras, conscientizando as pessoas no combate ao bullying, apresentando ações educativas frequentes; 5% das pessoas devem ter mais compaixão; 2% dos alunos pediram punição dos agressores, principalmente os alunos); 2% sugerem direitos iguais para todos e; 2% pedem que as escolas combatam a intolerância na sala de aula.

O resultado que mais nos chamou a atenção, em 3%, equivalente a 3 alunos, foi o fato dos que gostariam de conter-se da prática do bullying, no qual, o agente agressor, reconhece necessitar de direcionamento, aconselhamento, orientação, para não vitimar mais seus colegas. Ou seja, temos que pô-los a ponto de reflexão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência seja ela qual tipo seja, deixará sempre, suas marcas danosas. As práticas das violências simbólicas e do bullying ocasionam efeitos que podem ser irreversíveis na vida dos sujeitos que por ele é atingido. Podendo gerar uma “cicatriz” que o indivíduo por toda sua trajetória. O bullying não é uma brincadeira é um ato perigoso, perverso e covarde podendo vir a “detonar” a vida do indivíduo, podendo afetar profundamente as faculdades mentais do indivíduos levando desde a evasão escolar, a incivilidade, a fobia social ou transtorno de ansiedade até a morte.

Deste modo, a partir da pesquisa constatamos que o bullying é danoso não só para quem sofre, mas também para os agentes agressores e para a sociedade como um todo.

Sendo também de bastante relevância a ponte do diálogo entre professor e aluno em a conscientização ao combate ao a problemática e os olhos vivos do docente também são cruciais para que a intervenção aconteça. E algo que também é importante destacar é as práticas do currículo x escola e a didática trabalhados em sala de aula sendo sugestivo uma atividade em que o aluno possa relatar sua trajetória de vida e acadêmica como forma de identificar o bullying sofrido ou praticado pelo aluno, para poder se ter uma noção rápida do perfil do aluno se o mesmo se enquadra no perfil de agressor ou vítima do bullying. Ou seja, um relato memorial em que os mesmos relatem a experiência Educacional que se viveu na escola, a relação com professor e aluno, o espaço escolar, a disciplina ou projetos que o impactaram na escola ou no período escolar, a relação aluno x aluno, o lado positivo e negativo da sua carreira curricular.

É sugerido um olhar especial e diferenciado perante aos professores pelo fato de que os mesmos não sabem como lidar com a problemática em sala de aula sendo necessária também a capacitação e a preparação um pouco mais intensa perante os professores para que eles venham a agir ou lidar de maneira rápida, correta, eficaz e justa para que possam combater as práticas do bullying. Como bem especifica Campos e Jorge (2010), “Os educadores merecem atenção diferenciada nas campanhas e políticas de informação e formação, pois lhe faltam as devidas ferramentas teóricas e práticas para que atuem no sentido da prevenção e do combate”.

Desse modo, indicamos como possível solução emblemática, uma incisiva e recorrente campanha nas escolas, para tratar da questão bullying na escola, como se faz nas palestras de ação social em favor da saúde mental (contra depressão/suicida) ou da educação para o transito (nas campanhas de alerta e prevenção contra mortes em acidentes automotivos). Essa pode ser uma iniciativa que pode partir da iniciativa das Secretarias de Educação e Direção Escolar em parceria com pais e alunos, bem como estender o debate, levando-o para o conhecimento da

sociedade, como uma proposta de cidadania (pois envolve uma questão pública de segurança social e de saúde individual e pública).

Mediante ao que foi evidenciado neste estudo, de acordo com Silva (2015), para começar a virar esse jogo, as escolas precisam, inicialmente, reconhecer a existência do bullying e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer. Bullying é um fato, e não dá mais para botar em panos quentes nas evidências. Deste modo, é crucial a união e a conscientização da sociedade, da escola e da família para juntos contribuir para a redução dos índices do bullying tanto no meio social quanto na esfera escolar.

Por fim, considerados os fechos redativos, sobre o bullying, afirmamos que não se trata tão somente de modos violentadores, apenas em âmbito escolar, mas que os mesmos, nascem incontestáveis, no meio social e familiar.

Vale destacar que estudo pode contribuir para melhorar as políticas adotadas no meio escolar e sociedade, no sentido de encontrar soluções para diminuir índices de violência nas escolas. Combater a esse tipo de violência escolar é uma importante colaboração para a construção de uma sociedade diferente e mais justa.

Para tanto, é preciso que cada um faça sua parte, tanto o próprio Conselho Tutelar, por defender os direitos das crianças e adolescentes, envolvendo o Sistema das garantias dos Direitos humanos, contribuindo para a formulação de ações preventivas que possam contribuir para uma sociedade melhor, combatendo a prática do bullying na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988** / Brasil – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>; e Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>>. Acessados em: 25 de abril de 2018.
- BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. – 8. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>; e em <<http://bd.camara.leg.br>> Acessado em: 22 de março de 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.
- BRUYNE, Paul de. **Dinâmica em Pesquisa em Ciências Sociais: Os pólos das práticas metodológicas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.
- CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão/ Lélío Braga Calhau**. 2ª Ed.- Niterói, RJ: Impetus, 2010.
- CAMPOS, Herculano Ricardo; & JORGE, Samia Dayana Cardoso. **Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa**. Brasília, v.23, n.83, p.107-128. mar. 2010. COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: Introdução à ciência da sociedade/ Cristina Costa**. – 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2005.
- FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: **como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, Verus, 2005.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre, Artmed, 2008.
- FREIRE, Alane Novais; & AIRES, Januária Silva. **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, [55-60] janeiro/junho, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.**
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlo Gil – 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica** / Elisa Pereira Gonsalves. 4. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.
- JUBÉ, Milene de Oliveira Machado; CAVALCANTE, Claudia Valente; e CASTRO, Claudia Maria Jesus. **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA PARA PIERRE BOURDIEU: A RELAÇÃO COM A ESCOLA CONTEMPORÂNEA**. I Coloquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar: Dialogo necessário e os desafios da Investigação. Disponível em:

<<http://www.unifimes.edu.br/ojs/index.php/coloquio/article/download/68/64>.> Acessado em: 27 de agosto de 2017.

KRISTENSEN, Christian. **Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica**. Estud. Psicol. Natal, v.8, nº. 1, apr. 2003. Disponível em < <http://www.scielo.php>. Acesso em 19 nov. 2008.

LAKATOS, Eva Maria; & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica** / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 5. ed. – 3 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

NUNES, Guthyrrerres Firmino. **Diagnóstico dos laboratórios de informática e uso do computador, como ferramenta de apoio pedagógico: o contexto das escolas do campo no Cariri paraibano**. (Monografia – Curso de Licenciatura em Educação do Campo). Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, CDSA/UFCG, Sumé - PB. 2016.

MEDRADO, Hélio. **Violências nas Escolas**. Sorocaba – SP. Editora Minelli, 2008.

NEVES, Maria Alzuite Pontes Silva das. **Violência escolar: Bullying**. Ed. s/n – Sumé, 2014.

OLIVEIRA, É.C. S. e MARTINS, S. T. F. **Violência, Sociedade e Escola: da recusa do diálogo à falência da palavra**. Psicologia & Sociedade, 19(1), p. 90-98; jan/abr, 2007.

SALVADOR, Flávia Antonino. **Bullying no ambiente escolar**. Ed. s/n – Sumé, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas nas escolas – Bullying**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2010.

TORO, Giovana Vidotto Romam. [et al]; **Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social**. Giovana Vidotto Romam Toro, Anamaria Silva Neves , Paula Cristina Medeiros Rezende. Universidade Federal de Uberlândia. Psicologia: Teoria e Prática [123-137], 2010.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCEG
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido - CDSA Unidade Acadêmica de
Ciências Sociais – UACIS Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais
Graduanda: GUTTYNAIDE FIRMINO NUNES
Orientadora: Professora Me. Jessica da Silva Vieira
Local da aplicação dos questionários: Escola Estadual Manoel Alves Campos –
Congo/PB

QUESTIONÁRIO

Dados Sociodemográficos:

Dados Pessoais da Criança/Adolescente:

Data de Nascimento: / / Idade: _____

Sexo: () F () M () outro Naturalidade: _____

Dados Pessoais dos Genitores:

Nome do Pai: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão/carga horária: _____

Nome da Mãe: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão/carga horária: _____

Dados Familiares

Renda mensal da família (aproximada): _____

Quantas pessoas moram em casa? _____

Quem são? _____

Dados sobre Violência e Bullying Escolar

1. Você acha que há violência na escola? SIM () NÃO ()

2. Você sofre ou já sofreu violência dentro da escola? SIM () NÃO ()

3. Se for Sim, POR QUEM?

() Colegas () Professores da escola () Funcionários () Família () Outras pessoas

4. Quais os tipos mais frequentes de violência acontecem na sua escola?

Agressão física () Agressão verbal () Outros ()

5. Você já ouviu falar em bullying? Sim () Não ()

6. O que você entende por bullying?

7. Na escola que você estuda, você já vivenciou algum tipo de bullying?

Sim () Não ()

8. Se sim, o que você poderia relatar sobre isso?

9. Você conhece alguém que já sofreu bullying? SIM () NÃO ()

10. Quais as práticas de bullying que você identifica no seu ambiente escolar?

11. Por quê você acha que o bullying acontece?

12. O que você poderia falar sobre violência e bullying na escola?

13. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL DO SEMIARIDO CDSA
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACIS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a)

Eu, GUTTYNAIDE FIRMINO NUNES, como aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, ofertado pela Universidade Federal de Campina Grande, situado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido CDSA, pretendo desenvolver uma pesquisa com estudantes de escolas públicas do Cariri, sobre o recorte temático inicialmente, intitulado de: **Violência Simbólica: o bullying na trajetória escolar**; sob a Orientação Docente da Prof^a Dr^a. Carolina Medeiros (pesquisador responsável via CNPq).

O(s) motivo(s) que nos leva a estudar o assunto é analisar nas escolas do Cariri paraibano, sobre **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: O Bullying na trajetória escolar**, buscando identificar nas escolas selecionadas sinais de violência simbólica, no intuito de combatê-las, procurando conhecer os desafios enfrentados; bem como os êxitos e influencias no processo de ensino-aprendizagem quanto ao bullying, nas escolas publicas do cariri; analisando como o este tipo de violência, pode ser afetar o campo pedagógico e do desenvolvimento pessoal e social, que pode contribuir socialmente com o ensino público e social, auxiliando no trabalho de atuação docente no ensino das Ciências Sociais, de escolas do Cariri.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos para você. Esclarecemos que não será disponível nenhuma compensação financeira e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da categoria e em periódicos.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através da assinatura abaixo.

Guttynaide Firmino Nunes
PESQUISADOR

CONSENTIMENTO DO VOLUNTÁRIO

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e admito que revisei totalmente e entendi o conteúdo deste termo de consentimento.

Eu, _____
aceito participar desta pesquisa desde que assegurado o anonimato. De minha parte o faço de livre e espontânea vontade, não tendo sido forçado(a) ou coagido(a) para tal, e ciente de que os dados serão usados pela responsável pela pesquisa com propósitos científicos. Estou ciente também que receberei uma cópia deste documento.

_____, ____/____/____

Assinatura do Participante

Contatos do aluno pesquisador: Telefone: (83) 9.9918-1543. E-mail: guttynaidefirmino.78@gmail.com.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Concedo, para fins de comprovação junto à coordenação de pesquisa e trabalhos de conclusão do Curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Seminário, Campus/Sumé-PB, a abertura do espaço institucional desta entidade educacional, para realização da pesquisa, sobre a VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: O Bullying na trajetória escolar a partir de respostas obtidas do Corpo Discente, de responsabilidade do(a) aluno(a) pesquisador(a): Guttynaide Firmino Nunes.

De total responsabilidade do pesquisador será resguardada a descrição da identidade dos membros contributos da pesquisa.

_____, ____/____/____

Assinatura do Responsável pela Instituição



**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO
SEMIÁRIDO**

COORDENAÇÃO DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS –
UACIS